

三三三

Ros 39341 / 3

VERSSOS DE OURO

QUE VULGARMENTE ANDÃO EM NOME

DE
PYTHÁGORAS

Traduzidos de Grego em linguagem Portugueza
e illustrados com Escolios, e Annota-
ções Críticas, e dirigidos

A O

SERENISSIMO SENHOR
D. JOÃO

PRINCIPE DO BRAZIL

P O R

LUIZ ANTONIO DE AZEVEDO
LISBONENSE.



L I S B O A

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. XCV.

Com licença da Real Meza da Comissão Geral sobre
o Exame, e Censura dos Livros.

СОЛЯНКА
СЯ ЧТО
САДЫБАЧИ
ПОДІЛІТЬ
СІЛЯ СДІВІЧІ
СІЛЯ СМОТРИТИ

СІЛЯ СДІВІЧІ
СІЛЯ СМОТРИТИ
СІЛЯ СДІВІЧІ
СІЛЯ СМОТРИТИ

SERENISSIMO SENHOR

A Doutrina , sem controvérsia , da maior importancia e consequencia , que já mais para desempenho de todas as suas obrigações deixou aos mortaes com tanto zélo estabelecida e inculcada no meio das trévas do Paganismo a Escola de algum Filosofo da Antiguidade , be indubitavelmente a que em re-
A ii su-

sumo se encontra nos presentes Ver-
sos de Ouro compostos , ao que se
julgá , por Lysis , e attribuidos a
Pythagoras , e que eu tenho a im-
mortal , e ditosíssima honra de pôr
aos Reaes pés de V. ALTEZA.
Para governo pois e direcção da
vida escreverão muitos Filosofos
de abalizado talento , uns Funda-
dores , outros sequazes e alumnos
das antigas Seitas , relevantes e
preciosos Tratados , em que sobre
maneira reluz a conspicua e admi-
ravel inteireza dos seus dictames ;
porém observa-se que nemhum delles
prescreve ou seja na Theologia
principios tão sublimes , ou na Mo-
ral regras mais bem fundadas , ou
na Politica maximas de tanta so-
lidez e valentia , como são os do-
cumentos , que afformoséão e es-
maltão estes nunca assás louvados

Versos de Ouro, nos quaes, segundo a opinião do Doutor Maximo São Feronymo, se encerra um compendio dos dogmas de Pythagoras, e uma recopilação de toda a sua Filosofia.

Sendo pois o assumpto do presente Opusculo a norma em geral das acções humanas, a quem devia eu offerecer com eleição mais acertada estes *Versos de Ouro*, senão a V. ALTEZA, que tanto á risca sabe pôr em prática não as virtudes falsas e apparentes da Gentilidade, mas sim as sinceras e Heroicas do Christianismo, fazendo campear desta maneira o luzimento e resplandecia da verdadeira Religião entre os brazões e o timbre de tão supremo Poder, e Magestade? E a quem podia eu com fundamento mais solido consagrar

grar a presente *Summa* dos Preceitos de um Varão tal, como Pythagoras, que foi o primeiro, que por modestia se denominou Filosofo em lugar de Sabio, como antes delle se intitulavão outros, senão á mesma Real Pessoa de V. ALTEZA, que tanto se prezava do amor, e conhecimento de todas as Sciencias Divinas, e Humanas, vindo a fazer assim feliz a Monarquia de Portugal, conforme a sentença do Divino Platão: Que o mundo só poderia gozar em fim de uma completa felicidade, quando ou governasssem os Sabios, ou os Reis e Soberanos fossem amantes da Sabedoria?

Eis-aqui, SERENISSIMO SENHOR, todas as mais urgentes razões, que me obrigárão a escrever o Nome de V. ALTEZA
por

por tantos titulos Soberano e glori-
oso no frontispicio deste breve
Opusculo , no qual , como dizia ,
reduz seu Auctor a compendio to-
da a doutrina de Pythagoras . Sim ,
MUITO ALTO PRÍNCIPE ,
E PODEROSISSIMO SE-
NHOR , nestes Versos de Ouro
se admira com vivissimas cores pin-
tada não a doutrina de um , mas
sim a de toda a corporação dos Py-
thagoricos : ouve-se ainda nestes
mudos caractéres , por assim dizer ,
o estrondoso brado das decisões de
todas as suas Escolas : aprendem-se
por um methodo e ordem admira-
vel primeiramente as obrigações da
creatura para com o seu Creador ,
dos subditos para com os seus Su-
periores , dos filhos para com os
Pais , de uns amigos para com ou-
tros : e depois achão-se em fim
pro-

propostas e intimadas todas aquellas accões Moraes e Civis , que nesta vida caduca e transitoria devem saber practicar , universalmente fallando , as Pessoas de qualquer estado , condição , ou jerarquia , para chegarem a ser na outra , que sempre ha de durar , com immensa gloria ditosas , e bemaventuradas.

Tal he o assumpto do presente Opusculo da doutrina de Pythagoras , e taes são os invariaveis e inconcussos principios de toda a sua Filosofia. Porém todas estas importantes maximas vemos em nossos dias tão sabiamente praticadas pelo extremado zélo , e vigilantissima circumspecção de V. ALTEZA. Por quanto , reconhecendo por unico e Supremo Arbitro no Geo aquelle mesmo Sobe-

rano Legislador , de quem V. ALTEZA he com tanto applauso legitimo Lugartenente sobre a terra , para beneficio e gloria dos Portuguezes , a nenhuma outra empreza dirige o incançavel e sollicito zélo de V. ALTEZA seus providentissimos conselhos com tanta efficacia , como ao cumprimento das obrigações de um Principe verdadeiramente Christão , procurando render o culto devido , e tributar em espirito e verdade as mais affectionosas e profundas adorações ao Creador do Universo , e ao mesmo tempo infundindo no coração de seus fieis Vassallos o fervente amor de Deos , o respeito aos Superiores , e finalmente a práctica de todas as virtudes , que podem sublimar o homem na segura posse da eterna Bemaventurança.

Deos

*Deos de toda a bondade e
grandeza conceda prolongados an-
nos á sempre desejada e preciosa
vida de V. ALTEZA, para nos-
so refugio, e exemplo. Estes são
os votos de quem ingenuamente re-
conhece lograr a ventura incompa-
ravel de ser,*

SERENISSIMO SENHOR,

De V. ALTEZA

O mais humilde, obediente,
e fiel Vassallo, e Creado,

Luiz Antonio de Azevedo.

P R E F A Ç Ã O.

TRIBUTO foi sempre devido á excellencia dos Varões illustres da Antiguidade, renovar ou a memoria das acções maravilhosas que obrárão, ou promover o séquito das Obras importantissimas que escrevérão, já por meio de justos elogios ao seu merecimento; já pela estampa, ou traducção daquellas mesmas producções do seu raro e abalizado engenho, não só para modelo e exemplo de seus imitadores, mas ainda para estímulo e necessario aproveitamento de todos os mortaes. Com o mesmo fim se levantarão igualmente merecidas Estatuas á virtude, ou valor dos mais famosos Heróes, que tem avultado no mundo; porém se cotejarmos a duração dos Escritos com a do rijo marmore, ou duro bronze das Estatuas, acharemos sim que ambas estão sujeitas á instabilidade, e inconstancia de todas as coisas terrenas; mas ninguem duvidará que

mui-

II P R E F A Ç Ã O.

muito mais diuturna e perduravel he a duração das Memorias escritas , que a das Estatuas. Aquella na maior parte dos livros será igual á do mesmo mundo , como , ainda antes de haver Impressão , o disse a respeito das Obras de Cicero Velleio Patrculo (a) : esta quando muito pôde só permanecer por alguns seculos (b) , pois , como adver-

(a) As suas palavras , fallando com Marco Antonio , são as seguintes : *Vivit , vivetque per omnium saeculorum memoriam. Dumque hoc ... rerum naturae corpus ... manebit incoluisse , comitem aevi sui laudem Ciceronis trahet : omnisque posteritas illius in te scripta mirabitur , cet. L. II. c. 66.*

(b) Ainda quando não fôra o tempo gaftador de tudo quanto a natureza produz , bastava o odio , e a inconstancia dos homens para desfazer não só uma Estatua . mas trezentas , como acontece a Demétrio Falerço , em descredito do qual os Athenienses , tendo-o já con-

demnado á morte por inveja , e não podendo contra elle desafogar a sua vingança por estar ausente , vendêrão parte das Estatuas , que lhe tinhão levantado , as quaes montavão a trezentas , como se acha nas Edições de Cornelio Nepote (no Cap.VI. da *Vida de Milciades*) ainda que noutras se lê o numero de trezentas e sessenta , que he o mesmo que apontão Laercio (na *Vida do sobredito Demétrio*) e Plinio (*Hist. Nat.* L. XXXIV , c. 6.) o certo he que erão mais de trezentas , como expressamente diz Estrabo (L.IX.): e Varrão allegado por Menage ao referido lugar de

tio Aufonio (c), tambem as Pedras morrem, e as Inscriptões se apagão.

Ora, para que entremos já a falar de Pythagoras, entre o grande numero dos que tem merecido as sobreditas honras, ou por serem os mais fa-

mo-

Laercio com determinado numero affirma terem sido tantas, quantos são os dias do anno: vendérão, digo, parte destas Estatuas, lançando tambem algumas ao mar, e fundindo outras em vasos, que affrontosa ignominia! para ourinar; ficando apenas uma, como dizem, na Cidadella de Athenas. Com tudo, estando tambem o papel dos livros sujeito ás mencionadas injurias do tempo, e dos homens (como succedeo aos livros de outro Pythagoras, que só por tratarem de Filosofia, os mandou queimar o Pretor Quinctio Petillio, depois de terem durado mais de 535 annos, untados com oleo de cedro, e mettidos debaixo da terra num cajxão, em que tinhão si-

do depositadas as cinzas del Rei Numa, como refere Plinio (*Hist. Nat. L. XIII. c. 13.*) e com maior individuação Plutarco (em a *Vida* do mesmo Numa): estando pois, como dizia, o papel exposto ás taes injurias, atendendo á copia de exemplares, principalmente depois que houve Impresão, e a pezar de servirem muitas vezes as folhas dos livros para embrulhar, segundo tambem o costume dos Romanos, como lemos em Persio (*Satir. I. v. 43*) he indubitavel que ficou sendo muito mais permanente o dito papel dos Escritos, que o bronze das Estatuas.

(c) No Epigramma XXXIV. As suas palavras são: *Mors etiam jaxis, nemibusque venit.*

mosos Heróes , como dizia , ou pela paixão particular dos que lhas tributáram , se acha igualmente o mencionado Filosofo , a quem a Posteridade fez tambem levantar sua Estatua , e não duvidou tecer grandes e immortaes elogios.

Quanto á Estatua , que lhe levantáram , nos Monumentos da Antiguidade não será facil , como julgámos , encontrar-se coisa , que mais incrivel pareça , nem que possa dar maiores motivos á nossa admiração pelas circumstancias. Por quanto , sabendo muito bem os Romanos , que o Oraculo de Apollo Pythio havia já reputado a Sócrates pelo mais sabio homem do mundo , e ordenando-lhes depois o mesmo Oraculo na guerra dos Samnítes que levantassem Estatuas em lugar público e honroso a dois Gregos , um que fosse o mais sabio , outro o mais valente daquella nação , elles , em vez de levantarem , como parecia , uma Estatua a Sócrates , a erigíram a Pythagoras , como ao mais sabio , e outra a Alcibiades ,

des , como ao mais valente , collocando ambas nos lados do Comicio , como refere Plinio (*d*) de quem he a reflexão , que assim fizemos (*e*).

A respeito dos elogios , que se tem feito a Pythagoras , todos elles se podem ler tanto nas Obras de muitos Autores , que fallão a cada passo deste Filosofo , como na Vida , que delle escreverão principalmente Laercio , Jâmblico , Porfyrio , e Dacier . Nós , por encurtarmos leitura , lá remettemos quem tiver curiosidade , contentandonos só com tecer nesta breve Prefação em primeiro lugar um succinto resumo da sua Vida , e Filosofia ; depois apontar o methodo e ordem , que seguimos nef-

(*d*) Hist. Nat. L. XXX-IV. c. 6.

(*e*) Por duas razões podião os Romanos , a meu ver , levantar antes a Pythagoras do que a Sócrates aquella Estatua ; uma , porque Pythagoras tinha rejeitado por modestia o nome de Sabio , e tomado o de Filosofo , ou Amante da Sabedoria ;

e quem foge das honras , esse de ordinario he quem merece : outra , porque , tendo Sócrates (e também Platão) seguido as pizadas de Pythagoras , aproveitando-se em muitas coisas dos principios da sua Filosofia , julgáraõ devéla antes levantar ao Mestre , que ao discípulo.

nestes nossos Escolios e Anotações , com que illustrámos o prefente Opusculo , cuja Traducçāo Portugueza nós agora defronte do Texto Grego damos pela primeira vez á estampa , offerecendo com ella juntamente ao Publico a Versão de outros pequenos Tratados sobre a doutrina do mesmo Pythagoras ; em terceiro lugar expôr a razão deste additamento ; e por ultimo referir as Edições , de que nos servimos para a publicação da presente , como tambem os Intérpretes e Commentadores , que nos precederão na explicação da doutrina de Pythagoras , e dos mysteriosos dogmas da sua Filosofia .

E começando pela Vida e Filosofia de Pythagoras , he tão incerta a sua patria , como a de Homero : vulgarmente se chama Samio , por ser oriundo de Samos , porêm o mais provavel he que foi natural de Sidon , Cidade Capital da Fenicia na Costa da Syria , hoje pequena Villa chamada *Saide* , que he do governo de Damasco , em Soria ,

riá, na Turquia Asiatica. Seu Pai, que ou era Lapidario, ou Mercador, ou que exercitava (o que he mais verisímil) ambas estas occupações, chama-va-se Mnesarco, e sua Mãe Párthenis, nome que depois o marido lhe mudou em Pythais (*f*). Não se sabe ao certo

B O

(*f*) A razão desta mu-dança foi, porque achando-se em Delfos com sua mulher Mnesarco, para vender alli durante a Festa algumas mercancias, o Oraculo de Apollo, que elle tinha consultado sobre o haver de embarcar para a Syria, lhe respondeu que seria de muito gosto, e lucro para elle a tal viajem; accrescentando que sua mulher daria á luz um filho recommendável pela sua gentileza, e sabedoria, que a todos os homens de qualquer es-tado serviria em todos os tempos de mui grande utilidade. Para memoria deste Oraculo de Apollo Pythio he que Mnesarco trocou o nome de sua mu-lher Parthenis em Pythais, e o filho, que della nas-

ceo, chamou-se Pythagó-ras da palavra Πύθιος sobrenome de Apollo por ter morto a Python ser-pente, segundo a Fabula, e do verbo ἀγεῖν, que significa *dizer*, *declarar*, *persuadir*, em razão de ter sido prognosticado, antes de nascer, por Apollo Py-thio. Com tudo porque nos não veio ainda á no-ticia se Pythagoras teve este nome depois de adul-to, ou desde a infancia, não podemos ter por fal-sa a asserção dos que es-crevem lhe fôra dado por ser tudo quanto dizia tão verdadeiro e certo, como se o affirmára o mesmo Oraculo de Apollo Pythio. Veja-se Laercio na *Vida de Pythagoras*, e alli Me-nage apontando com Jâm-blico.

o anno , em que nasceo Pythagoras: conforme o exaēto escrutinio da mais bem fundada Chronologia , e segundo a opinião dos que melhor averiguárão este ponto , não podia nascer este Filosofo antes do quarto anno da XLIII.^a Olympiada , nem depois do quarto anno da LII.^a (g). Reinava então Amásis no Egypto , Fálaris em Agrigento , Pisístrato em Athenas , Créso em Lydia , Polycrates em Sâmos , Tarquinio Soberbo em Roma (h) . Teve Pythagoras em Sâmos , onde seus Pais estavão de assistencia , por Mestre a Hermodamante , um dos descendentes do célebre Creofylo (i) , que só por ter hos-

pe-

(g) Veja-se o Abbade Batteux no Prologo da sua Traducção de Ocello de Lucania , onde allega com Brucker.

(h) Os Autores que dizem ter vivido Pythagoras no Reinado de Numa Pompilio segundo Rei dos Romanos , e que este Monarca fora seu discípulo , cometem um anachronismo de mais de cem an-

nos de diferença ; porque tantos passáráo desde o Reinado de Numa até o Magisterio de Pythagoras na Italia. Vejão-se as *Antiguidades Romanas* de Dionysio de Halicarnasso (L. II. c. 59.) Livio (L. I. c. 7.) e finalmente Plutarco em a *Vida* do mesmo Numa.

(i) Com a penúltima longa , por vir de φύλος ,

pedado em sua casa a Homero , será sempre immortal nos annáes da Historia ; porém como alli não havia Filosofo algum , que podesse bastante mente faciar o desejo , que tinha de aprender , contando dezoito annos de idade , como dizem , partio de Sâmos com o fim de se instruir nas Sciencias dignas de um bom Cidadão ; e levado logo da nomeada , ou boato do nome de Ferecydes (*k*) , aportou ás praias da Ilha Syros , da qual se resolveo a passar a Miléto , onde se entreteve com Thales , e Anaximandro o Fysico . De Miléto se embarcou para a Fenicia , demorando-se em Sidon sua Patria . Daqui se foi na volta do Egypto , onde esteve alguns vinte e dois , ou vinte e cinco annos . Do Egypto se poz a caminho para Babylonia (*l*) , donde pas-

B ii sou

gente , nação , tribo : se
fora composto de φίλος ,
amigo , seria breve , como
Creófilo , Herófilo . Theófilo .

(*k*) Foi este Ferecydes o primeiro de quem se acha escrito haver sustentado a immortalidade

d' alma , opinião , que depois confirmou seu discípulo Pythagoras . Veja-se Cicero *Tusc. Quæst.* L. I . c. 16 .

(*l*) Sobre se Pythagoras esteve , ou não , com Ezequiel em Babylonia ,

sou a Créta , e depois a Esparta , para se adiantar na intelligencia das leis de Minos , e de Lycurgo .

Depois de tão longas viajens , achando Sâmos , donde sahíra , muito mais opprimida debaixo do pezado ju-
go da tyrannia de Polycrates , e ante-
pondio um voluntario degredo á escra-
vidão , que o ameaçava , partio desta
Ilha , e foi dar volta aos Estados da
Grecia. Atravessando o Peloponnésio ,
se demorou em Fliunte (*m*) , onde rei-
nava Leonte (*n*) . D'aqui chegou á
Italia , e abrio finalmente a sua Escola
(*o*) em Crotôna , cidade da Calabria

Bai-

veja-se o Jesuita Antonio
Maria Bonucci no seu *E-
pitome Chronologico* a pag.
39.

(*m*) Hoje Rupela , ci-
dade na Morea.

(*n*) Nos entretenimen-
tos , que teve com este
Principe , he que Pythagó-
oras , tendo sido pergun-
tado por elle , lhe respon-
deo que nenhuma Arte
sabia , nem professava .
mas que era Filosofo , isto
he , amante da Sabedoria.

Veja-se Santo Agostinho
(*de Civit. Dei.* L. VIII.
c. 2.) Cicero (*Tusc. Quæst.*
L. V. c. 3.) e Quintiliano ,
Inst. Orator. L. XII.
c. 1.

(*o*) A Escola de Py-
thagoras era bem como
um Seminario , Collegio ,
ou Congregação de varias
pessoas , que vivião , só
para aprender a doutrina
daquelle Filosofo , em
commun ; a qual se po-
dia chamar por isso *κοινό-*

Baixa , ou Ulterior na parte Meridional da mesma Italia , chamada naquelle tempo a Grande Grecia , onde fundou a sua Seita , a que derão o nome de Italica (p) , de que forão principaes sequazes Arquytas Tarentino , Ocello de Lucania , Epicarmo , Hipparco , Filolão , Timéo de Lócros , e outros muitos Filosofos , que a fizerão subsistir até o fim do Reinado de Alexandre Magno.

Ficando já expoetas por sua ordem as viajens de Pythagoras , por meio das quaes aprendeo na Escola dos olhos com

Eros , *Cenóbio* , como se lê em quasi todas as Edições de Aulo Gellio (L. I. c. 9.) , ou conforme a de Gronovio , pôde-se dizer em termos de Direito que vivião *Ercão* (ou *Hercão*) non cito , isto he , sem rarem do monte o que lhes cabia nas pertilhas dos bens do patrimonio que tinham herdado . Veja-se Festo ilustrado por Dacier da Edição de 1700 na palavra *Eraum* , e Servio sobre o verso 642 do VIII. livro da Eneida de Virgilio ,

com o *Lexicon Juridico* de Calvino.

(p) Derão-lhe esta denominação , por ter assistido (e por vinte annos como diz Justino Epitomador de Togo , L. XX. c. 4.) e ensinado Pythagoras em Crotôna Cidade da Calabria na Italia , como assima dissemos , a sua Filosofia . Veja-se Laercio no *Prémio das Vidas dos Filosofos* , e Plutarco sobre as *Opiniões dos Filosofos* L. I. c. 3.

com tantos Mestres aquellas Sciencias, a cujo vasto conhecimento anhelava, cumpre agora fallar da sua Filosofia. Era esta, segundo a definição, que lhe dava, uma *Sciencia dos entes em quanto existem* (*q*), cujo objecto vinha a ser, desatar por pensamento (*r*) o espirito (*s*) dos laços e prizões do corpo, que o impedem, e pôlo na sua liberdade, para melhor poder, assim alienado do exterior, e posto no centro de si mesmo, contemplar e meditar nas coisas intelligiveis. O fructo que della tirava, ou o fim que nella se propunha, consistia em de nada se admirar (*t*). Ensinava dividir-se a Filosofia em prática,

e

(*q*) Veja-se Stanley *Hist. Philos. Part. VIII. Doctrin. Pythag. Part. III. c. 1.* Heineccio *ELEM. Phil. §. XLII*, e Dacier na *Vida de Pythagoras* a pag. 185 do I. Tomo da *Biblioteca dos antigos Filósofos* da Edição de 1771.

(*r*) Veja-se a este respeito Dacier no lugar assíma apontado pag. 108 e Heitor Pinto da Edição de

1681 pag. 236.

(*s*) Acerca do célebre parecer de Pythagoras sobre a natureza d'Alma, veja-se Laercio na *Vida* do mesmo Filósofo, Plutarco *sobre as Opiniões dos Filósofos* (L. IV. c. 4.) e Dacier *ibid.* pag. 108, e segg.

(*t*) Veja-se Plutarco allegado por Heineccio no §, que assíma apontámos.

e especulativa : a primeira era mãe da virtude , a segunda fonte e origem da verdade (u) . A Deos definia assim : *Um Espírito que penetra e se diffunde por todas as partes do mundo , e por toda a natureza , do qual todos os animaes , que nascem , recebem a vida (x) .* Tambem affirmava que o Mundo (y) tinha sido

ge-

(u) Veja-se Hiérocles no principio do seu *Commentario sobre os Versos d' ouro de Pythagoras.*

(x) Moteja Cicero (*de Natur. Deor.* L. I. c. 11.) desta definição , que se acha em Laclancio (*de Falsa Relig.* L. I. c. 5.) por não ver Pythagoras que recebendo a vida as almas dos homens daquelle universal Espírito , por serem delle tiradas e separadas , ficava deste modo partido e feito Deos em pedaços , quando as taes almas se arrancassem delle para animar as criaturas , involvendo mais outros absurdos , que vai dizendo por diante o mesmo Cicero . Vejão-se a este respeito os *Remarques sur la Théologie des Philosophes Grecs* , que andão

na I. Tomo dos *Entretiens de Ciceron sur la Nature des Dieux , traduits par M. l' Abbé d' Olivet* , quarta Edição de 1766 , em PYTHAGORAS , pag. 247 , e segg.

(y) O mesmo Pythagoras foi o primeiro que chamou ao Universo *κόσμος , mundo* , para notar a belleza , ordem , e regularidade , que reinão em todas as suas partes . Veja-se a este respeito Plutarco *sobre as Opiniões dos Filósofos* (L. II. c. 1.) Aristoteles na *Carta a Alexandre sobre o Sistema do Mundo* (cap. 2.) com a doutrina dos Estoicos a pag. XIX. do nosso *Discurso Preliminar sobre o Manual de Epicéto*.

gerado , ou produzido por Deos , e que era sim por natureza sujeito á corrupção , visto ser corpóreo , e sensivel ; mas que não havia de acabar conservado pelo cuidado e Providencia do mesmo Deos , que lhe assiste (z) . O movimento era no conceito de Pythagoras uma diferença , ou alteração na materia (a) . E desta maneira explicava e definia o sobredito Filosofo , como Ecléctico , outros muitos pontos , e maximas peculiares da sua doutrina.

Cultivou Pythagoras com grande applicação o estudo da Geometria , da Arithmetica , e da Musica , Sciencias , em que fez grandes progressos , e que augmentou com os seus descobrimentos (b) . “ Foi o primeiro Mestre , diz

” um

(z) Veja-se Plutarco sobre as *Opiniões dos Filósofos* (L. II. c. 4.) e confira-se igualmente a persuasão absurda de Plínio *Hist. Nat.* L. II. c. 1.

(a) O mesmo seguia Platão. Veja-se Plutarco sobre as *Opiniões dos Filósofos* L. I. c. 23.

(b) Como foi , por

exemplo , entre outros descobrimentos , o theoréma do valor da hypotenusa no triangulo rectângulo. Dizem muitos que alegre Pythagoras com este invento sacrificárá ás Musas uma hecatombe ; porém , como este Filosofo reprovava sacrifícios sanguinolentos , e não tinha pos-

„ um insigne Mathematico Portuguez
 „ (c), que por aquelles tempos ensi-
 „ nou aos seus Gregos os imperfeitos
 „ rudimentos da *Geometria*, a qual es-
 „ tes fôrão cultivando com a natural
 „ perspicacia, de que he dotado o
 „ commum daquelle nação „. O mes-
 „ mo Auctor não podendo assignar ao
 certo os Inventores da *Arithmetica*,
 diz desta maneira (d): “ Porém como
 „ os monumentos da Antiguidade ti-
 „ verão no tempo a sua ruina, só sabe-
 „ mos que o Grego Pythagoras a apren-
 „ deo dos Fenices, e a ensinou primei-
 „ ro, que todos, aos seus naturaes,
 „ dos quaes a recebemos os mais Eu-
 „ ropéos „. Sabia tão perfeitamente
 os

ses para tanto, he opinião
 mais recebida que sacrificou um só boi, e esse
 feito e amassado de farinha. Tambem passando
 pela Officina de um Ferreiro, e ouvindo Pythagoras
 a cadencia dos malhos, tirou della, como
 dizem, as proporções Harmonicas. Veja-se Laercio,
 e Dacier na *Vida de Py-*

thagoras: o Abbade Battueux nos *Remarques sur Timée de Locres* a pag. 94.
 e Antonio Fernandes na sua *Arte de Musica* impressa em Lisboa no anno de
 1626 pag. 119.

(c) O P. Ignacio Monteiro a pag. 63 do Tomo I. do seu *Compendio dos Elementos de Mathematica*.

(d) *Ibid.* pag. 32.

os effeitos da consonancia e harmonia , que se diz fizera aquietar e trouxera á razão certos mancebos , que estavão furiosamente incitados a fazerem violencia a uma casa honrada , mandando á Flautista , que mudasse para um som modesto (e) . Finalmente achando-se Pythagoras em idade de oitenta , ou de noventa , ou de noventa e nove annos , conforme a differente computação dos Auëtores , foi morto num tumulto em Metaponto , ou , segundo outros , morreou ou queimado vivo , ou de fome no templo das Musas , para onde se tinha refugiado , por causa da perseguição nascida do odio de Cylon , mancebo nobre e rico , porém de má índole , o qual já em Crotôna o começara a vexar , e fazer suspeito ao povo , estimulado muito de que este Filosofo , attendendo á indisposição natural da sua alma , como costumava fazer aos outros , o não tivesse querido admittir
por

(e) Veja-se , álem de no *De Regimine Principis Quindiliano* (L. I. c. 10) *pum L. IV. c. 21.*
Santo Thomaz de Aqui-

por alumno da sua Escola , e confiar-lhe os mysterios e segredos da sua doutrina. E isto baste quanto á Vida , e Filosofia (*f*) de Pythagoras.

No tocante ao methodo e ordem , que seguimos nestes nossos Escolios e Annotações , não temos mais que dizer ao Leitor , senão que practicámos o mesmo , que nos propuzemos observar noutras ao Manual de Epictéto , á Satira de Sulpicia , e aos Rivaes de Platão , que já publicámos , dando em nossa linguagem os presentes Versos de Ouro defronte do Texto Grego , para sahir juntamente á luz com a possível diligencia correcto este Opusculo na mesma lingua original ; e offerecendo outrosim traduzidos mais dois Tratados , ou brevissimas Composições pertencentes á doutrina comprehendida nestes Versos , que vem a ser a *Létra de Pythagoras* , e o *Homem de Bem*. Daquel-

(*f*) Quem tiver desejo de saber as mais particularidades da Vida e Filosofia de Pythagoras , pôde ver Laercio , Plutarco ,

Jámblico , Porfyrio , Daciér , Stanley , Brucker , e outros Escritores da Vida , e Intérpretes da doutrina do dito Filosofo.

quella se encontrará a Versão de João Franco Barreto: deste a nossa: e ambas igualmente defronte do Texto Latino illustradas em alguns lugares tambem com as mais oportunas e indispensaveis Anotações.

Do que fica dito se vê a razão que tivemos para accrescentar aos presentes Versos de Ouro estas duas pequenas lucubrações, convém a saber, por serem uma explicação das maximas de Pythagoras, e um como transumpto immediato da sua Moral.

Finalmente as Edições, que vimos, e nos servirão para a publicação da presente, fôrão a de Theodóro Marcialio (g), a de Dacier (h), uma im-

pref-

(g) Cujo titulo he: *Aurea Pythagoreorum Cartinae Latine conversa, multisque in locis emendata, illustrataque adnotationibus, quibus etiam Hieroclis interpretationi non parum lucis adfertur, Autore Theodoro Marcialio. Lutetiae. Et Typographia Steph. Prenesteau, heredis Gail. Morellii in Graecis Typogr. Re-* gii in clauso Brunello c. 10. xxv. em 24.

(h) Que corre impresa no I Tomo da *Bibliothèque des anciens Philosophes*; onde se acha tambem no II Tomo a Versão, que fez o mesmo Dacier do Commentario de Hiéroclés sobre os presentes Versos de Pythagoras.

presso em Anvers (*i*), outra em Ingolstad (*k*) sem nome de Editor. E entre os Commentadores, e Intérpretes, de cuja exposição nos aproveitámos, foi o principal Hiérocles, o mesmo Theodóro Marcilio, e Dacier, que traduzio não só os presentes Versos de Ouro, mas ainda o amplo e diffuso Commentario, que sobre elles fez o mencionado Hiérocles, illustrando-o com muitas Notas, para a verdadeira inteligencia da doutrina de Pythagoras, e cabal conhecimento da sua Filosofia.

Isto he o que se nos offereceo dizer sobre os presentes Versos de Ouro, cuja doutrina, sem embargo de ser de um Gentio, que se deve ler com a cautela, e circumspecção, que já noutro lugar (*l*) ficou por nós recommendada.

(*i*) No anno de 1582. Comprehende esta Edição, álem dos *Versos de Pythagoras*, as *Sentenças Elegiacas* de Theognis, e o Poema de Focylides, com a versão Latina de todos elles tambem em verso.

(*k*) No anno de 1606. Contém esta Edição as

Orações de Isócrates a Demônico, a Nícocles, e o Elogio Funebre de Evágoras em Grego e Latim com os Versos de Ouro por ultimo tambem nas mesmas linguas.

(*l*) A pag. XLIV do Manual de Epicteto.

dada e advertida , não deixa todavia de ter muita coisa , de que se possa discretamente valer , e com gloriosa honra utilizar o mais observante e verdadeiro Christão.



SOBRE O ESCRITOR
DOS
PRESENTES VERSOS.

Entre as muitas dúvidas , que ácerca destes Versos de Ouro se costumão fuscitar , he logo a primeira sobre quem foi o Auctor que os escreveo. Dizem uns (*m*) que Pythagoras nada absolutamente deixára escrito , fundados talvez no costume que tinhão os Pythagóricos (*n*), segundo refere Plutarco (*o*), de não pôrem por escrito a Regra da sua disciplina , e dos seus preceitos , nem de fa-

(*m*) Vejão-se os Autores , que seguem este parecer , allegados por Menage a Laercio da Edição de folha a pag. 206.

(*n*) Differençavão-se com tres nomes os Sequazes da doutrina de Pythagoras. Por quanto , aos que tinhão com elle juntamente estudo e aprendido no seu Collegio , se dava a denominação de Pythagóricos : aos discípulos destes , a de Pythag-

reos : e finalmente aos que sem embargo de não terem sido membros da sua Escola , fazião todavia grande apreço dos dogmas e maximas que ensinavão , a de Pythagoristas. Veja-se Suidas depois de Πυθαγόρεας στρα σύμβολα : Stanley Part. VIII. cap. cap. 16. Scho-laे privatim & publice fac-ta institutio : e finalmente Heineccio Elem. Phil. Rational. § XXXIX.

(*o*) Na Vida de Numa.

XXII SOBRE O ESCRITOR

fazerem commentarios das suas Leis e Estatutos ; mas de ensinarem de viva voz toda a sua doutrina sómente aos que achavão dignos de lha comunicar , e se tinhão entregado já de todo ao seu Magisterio (p). E a esta razão accresce outra não menos ponderosa , e vem a ser , que até o tempo de Filoláo (q) ninguem podia ter conhecimento dos dogmas de Pythagoras , pois foi elle o primeiro , que deo á luz a sua explicação em tres volumes mui célebres , que Dion comprou por cem minas (r) , tomando o conselho de

Pla-

(p) Quando algum destes discípulos sahia do seu noviciado , ou abandonava a sua profissão , era costume neste caso levantarem-lhe os outros Pythagóricos um Cenotápio , como a homem , que reputavão por morto , depois de ter deixado a carreira da vida começada , tornando ao vômito da primeira , em que se achava. Veja-se Origines allegado por Menage nas suas *Observações a Laercio* a

pag. 210 da Edição de folha já apontada.

(q) Veja-se Laercio na *Vida de Pythagoras* , e alli os Commentadores.

(r) Que em moeda Portugueza montão a quatrocentos mil reis , ou cem moedas. Todavia maior somma do que esta deo Alexandre a Aristóteles pelos livros de *Animas* , a qual , segundo a reducção de Jeronymo Cardoso (no seu *Diccionario* da Edição de folha de 1694 a pag.

Platão , que por este meio quiz remediar a extrema pobreza , em que tinha cahido o mesmo Filoláo (s) . Porém outros , a quem nós seguimos , apartão-se dos que parece que só zombando podem escrever ou affirmar similarmente coisa (t) . Por quanto sim he verdade que os Pythagóricos ensinavão aos seus discípulos de viva voz sem lhes darem por escrito nenhuns Elementos , ou Compendio para aprenderem a sua Filosofia ; o que podemos attribuir a quererem assim cultivar a memoria dos que instruião (u) ; mas isto não tirava o elles mesmos assentarem lá para si , como era justo , em lembrança os dogmas e preceitos da sua doutrina , pois lemos que até não punhão dúvida em consentir aos seus discípulos já aceitos , e adiantados escreverem o que ti-

C nhão

141.) no seu dinheiro correspondia a quatrocentos e oitenta mil cruzados do nosso. Confira-se Aulo Gellio no L. III. c. 17.

(s) Veja-se Jamblico allegado por Menage a pag.

210 , que assim ficão a- pontadas.

(t) Veja-se Laercio na *Vida de Pythagoras*.

(u) Veja-se Stanley Part. VIII. Discip. & Doct. Pythag. P. I. c. 10.

nhão ouvido (*x*). E se estes podião escrever o que ouvião , como não poderião os Mestres escrever tambem o que dictavão? Quanto mais que os Pythagóricos davão juramento (*y*) para não venderem senão aos da sua mesma Seita os livros da doutrina de Pythagoras ; logo como lhos podião vender , se os não tivessem primeiro escrito , ou copiado? Em fim que o mesmo Pythagoras tambem escrevêra , claramente se deduz da Carta , que Lysis dirigio a Hipparco , ou Híppaso , na qual faz menção de ter deixado Pythagoras a sua filha Damo os seus Commentarios , com ordem expressa de os não demittir de si , nem de os communicar aos estranhos (*z*).

Fi-

(*x*) *Ast ubi res didicabant rerum omnium difficilimae tacere audireque , atque esse jam cooperant silentio cruditi , cui erat nonmen ἔχενδια ; tum verba facere & quererere , quaque audissent SCRIBERE , & quae ipsi opinarentur exprimere potestas erat ;* diz Au-

lo Gellio no capítulo nono do Livro I.

(*y*) Vejão-se as Observações de Menage à Laercio a pag. 210 sobre Pythagoras , e a pag. 226 , e 227 sobre Filolão.

(*z*) Veja-se , além de outros , Laercio na Vida de Pythagoras .

Ficando pois assentado como coisa não só provavel , mas certa que os Pythagóricos escrevião livros da sua doutrina ; resta saber , se Pythagoras he o verdadeiro Escritor destes Versos. Ao que respondemos primeiramente que as sentenças e preceitos , que se achão nestes Versos , na verdade são de Pythagoras ; mas quem os escreveo e publicou foi algum discípulo da sua Escola. Em segundo lugar julgâmos ser este , Lysis , como se pôde colligir de Laercio (a) , cujas palavras são as seguintes : « Escreveo Pythagoras tres „ volumes , um de Instituições , outro „ de Politica , o terceiro de Fysica ; „ porque tudo o mais que anda nas „ mãos do vulgo , e corre como Obra „ de Pythagoras , he do Pythagórico „ Lysis Tarentino , que se refugiou em „ Thebas , e foi Mestre de Epaminondas „ . Onde parece alludir tambem Laercio aos presentes Versos andarem

C ii na-

(a) Na *Vida* do mesmo Pythagoras. Veja-se Marcilio , e Dacier , que entre outros Theodoro

naquelle tempo em nome de Pythagoras , sendo composição de Lysís (b). Ora no Verso quadragésimo setimo jura seu Auctor , quem quer que he , por Pythagoras : logo este não foi o que os escreveo ; porque não podia jurar então com justo titulo pela sua mesma pessoa. Tambem se achão em fim attribuidos estes Versos a Filoláo , a Epicarmo , e a Empédocles (c) , mas todas as razões , e conjecturas , em que se fundão os que assim o escrevem , são fracas , e de pouco , ou nenhum momento.

Aqui poderá inquirir alguem a razão , por que escrevião aquelles Antigos em verso , e não em prosa os preceitos e exhortações da sua Filosofia ?

Mas

(b) Estes *Versos de Outro* andão em nome de Pythagoras , não só porque declarão , e contém a sua doutrina; mas tambem porque os primeiros discípulos de Pythagoras não punham o seu nome no frontispicio das suas Obras , atribuião-nas sim a seu Mestre , para lhe fazerem

honra , e testemunharem o seu reconhecimento. Veja-se Dacier sobre o Commentario de Hiérocles pag. 257.

(c) Veja-se Stanley a pag. 305 do Tomo II. Cap. 15. *Scripta Pythagorae* da Edição de Veneza de 1731.

Mas a esta pergunta satisfaz Maximo Tyrio, quando escreve as seguintes palavras (*d*) : « E assim como os Medicos , misturando nos remedios amarigos , que dão aos doentes fastidiosos , alguma boa especiaria , disfarção desta maneira o tedio do medicamento ; do mesmo modo a antiga Sabedoria (*e*) , propondo os seus ditos

(*d*) Na *Dissertação X.*
pag. 109 da Edição de
Davisio.

(*e*) Ferecydes Syrio , a quem Pythagoras também ouvio , foi o Sabio , que inventou a Prosa , e o primeiro que della usou . Antes da sua invenção escrevão os Antigos tudo em verso , e as Leis das XII Taboas prohibião sob pena de morte fazer estas composições Poeticas em descredito e injúria de outrem . Oíçamos a Santo Agostinho (*de Civ. Dei L. II. c. 9.*) escrevendo as seguintes palavras , que são de Cicero no quarto livro de Republica : *Duodecim Tabulae cum perpauca res capite sanxissent , in*

his hanc quoque sanciendam putaverunt : Siquis occentavisset , sive carmen condidisset , quod infamiam faceret flagitiumve alteri . Praeclare : judiciis enim ac Magistratum disceptationibus legitimis propositam vitam , non poetarum ingenii habere debemus ; nec probram audire , nisi ea lege ut respondere liceat , & iudicio defendere . Quer dizer : Tendo establecido as Leis das doze Taboas pena de morte contra bem poucos crimes , julgáro que entre elles a devião pôr também a este : Se alguém , para os mais ouvirem , tivesse cantado em alta voz , ou composto versos , que infamiassem , ou descompu-

XXVIII SOBRE O ESCRITOR

„ Etames em fabulas e métros , e em
„ forma de canções , na capa desta re-
„ creaçao os involvia , saboreando as-
„ sim o amargôr dos taes preceitos „.
E esta mesma comparação do dolo bom
dos Medicos para suavizarem os reme-
dios custosos de levar aos doentes , com
o rigor da doutrina escrita em verso ,
para attrahir o Leitor , e se insinuar no
seu animo , faz igualmente Lucrecio
com discreta e opportuna repetição
duas vezes (f) no seu Poema.

Em

zeffem a outrem. E com
muita razão ; porque deve-
mos ter a nossa vida sujeita
ás sentenças , e ás legitimas
decisões dos Magistrados , e
não aos humores dos Poetas ;
nem ouvir affrontas , senão
com o direito e condição de
podermos tambem responder ,
e defender-mo-nos em juizo .
D'aqui se vê a intoleravel
e criminosa ousadia de al-
guns Poetas , e , o que
mais he , de muitos , que ,
jejuando de Poesia , que-
rem logo , e muitas ve-
zes invita Minerva , fazer
versos tão licenciosos , co-
mo o he a sua mesma vi-
da , em descredito de ou-

trem. A respeito do que
temos dito veja-se Cicero
(*Tuscul. Quæst. L. IV. c.*
2.) Plinio (*Hist. Nat. L.*
VII. c. 56. o qual se de-
ve conferir com *L. V. c.*
29. , e com Suidas na *Pa-
lavra Κάδμος*) Suidas (na
Palavra Φεγενύδης) e final-
mente Henrique Canne-
gietero (*in Rescript. Box-
hornio*) a pag. 384 dos
Disticos de Catão da segun-
da Edição de Arntzenio ,
em 1754.

(f) *L. I. de Nat. Rer.*
v. 935 , e *IV. 11.* Ao to-
do repete não menos que
25 versos.

Em fim a razão de se chamarem *de Ouro* estes *Versos* (*g*) , he , porque fendo o ouro entre todos os metaes o mais puro e precioso , e só o que não cria ferrugem , a qual he figura e simbolo dos vicios , como diz Hiérocles (*b*) , mui adequadamente se dá o epítheto de *Aureo* a tudo quanto he no seu genero excellente , livre de todo o desar , ou defeito , bello , e sem senão. D'aqui veio denominar-se *Idade* , ou *Século de ouro* aquelle , em que reinou a pureza e santidade de costumes. Pelo mesmo principio chamão os Auctores *aureas* outras muitas coisas. A uma hifistoria engracada , bonita , e divertida cha-

(*g*) Ainda que São Jeronymo (*Apolog. adversus Rufinum* L. III. pag. 469 do Tom. IV. da edição Benedictina) chama a estes *Versos* *χρυσὰ παραγγέλματα* , *Exhortações de Ouro* , e Galeno (em o *Tratado sobre o Conhecimento e Cura das enfermidades d'alma*) os denomina *παραγγέλματις* , *Admoestações* ; todavia o seu ver-

dadeiro titulo he: ΧΡΥΣΑ ΕΠΗ , *Versos de Ouro* : porque este he o titulo que lhe dá Suidas (na Palavra Πυθαγόρεας) e tambem Próclo (L. III. ao *Timão de Platão*) que denomina a Pythagoras , τῶν χρυσῶν ἐπῶν πατήσα , o *Pai dos versos de ouro*.

(*h*) Na *Introdução* do seu *Commentario aos Versos de Ouro de Pythagoras*.

XXX SOBRE O ESCRITOR, &c.

chama Plinio (*i*) *auream fabulam*. Ao que nós dizemos *bocados de ouro* corresponde em Latim de Lucrecio (*k*) *aurea dicta*; e assim outros muitos exemplos achará a cada passo nos Autores Clássicos o Leitor estudioso.

(*i*) L. II. Epist. 20.

(*k*) L. III. de Nat. Rer. v. 12. Vem a ser *aurea dicta, opiniões, e sentenças discretas*. Similhante he a frase de Persio (*Sat. I. v. 42*) *Cedro digna loqui, fal-*

lar bocados de ouro, ou á imitação de Fr. Heitor Pinto (pag. 472 col. 2 da *Imagen da Vida Christã*, de 4.^o) *fallar coisas dignas de cedro*.



AR.

ARGUMENTO
DESTES MESMOS
VERSOS DE OURO.

NA primeira Parte destes Versos trata seu Auctor (*l*) das Obrigações do homem para com Deos , para com os pais, parentes, e amigos , prescrevendo o modo , com que devem ser honrados e servidos. Na segunda expõe a prática dos bons costumes , inculcando em geral as mais bem fundadas Regras , e acertados Díctames para governo e direcção da vida , E esta Parte começa des de as palavras : *Mas vai contrabindo habito*, cet. do Verso 9.

Em fim são estes Versos um Resumo dos dogmas de Pythagoras , como atesta São Jeronymo (*m*) escrevendo as seguintes palavras : « De quem são pois aquelles » las *Exhortações de Ouro* ? Por ventura » não

(*l*) Além desta divisão geral e primaria dos presentes Versos , a qual he de Marcilio , achará o Leitor ainda outras duas mais específicas de Hiéroclés , as quaes principião no Verso quadragesimo quinto , e sexagesimo sexto.

(*m*) *Apolog. adversus Rufinum* L. III. pag. 469 Tom. IV. edition. Benedict. As suas palavras são : *Cujus enim sunt illa χειρα παραγένεται : nonne Pythagorae : in quibus omnia ejus breviter dogmata continentur.*

XXXII ARGUMENTO

» não são de Pythagoras? Nas quaes brevemente se achão encerrados todos os dogmas da sua Filosofia ».

Não devemos aqui omittir o que alguns entendem sobre o encadeamento destes Versos; porque uns (*n*) dizem que nenhuma connexão tem, pelos julgarem ser uma *Rapsodia* de varios Pythagoreos; outros, como Dacier (*o*) a quem nós seguimos, affirmão que á vista da explicação de Hiérocles, tem estes Versos mui boa ordem, e deducção.

(*n*) Vejão-se as duas Notas, que se achão a pag. 305, e 429 do II. Tomo da *História da Filosofia* composta por Stanley da Edição de Veneza de 1731.

(*o*) No Tomo I. da Versão, que fez do Manual de Epicteto, e dos Commentarios de Simplicio pag. 5 da Edição de Paris

de 1776.

Deve-se notar que o mencionado Simplicio chama alli no Proemio dos seus Commentarios *ἱπὸδήμας* aos Documentos, ou *Preceitos* dos Pythagoreos, denominação, que se deve ajuntar á de *παραγέλληματα* de São Jeronymo, e á de *παρανέστεις* de Galeno, de que já fallámos.

Py-

XXXI - A S E U M U T O

o não são de Pythagoras. Na sua biografia veniente de oitavo escrivente todos os diasmas da sua filosofia.

Não devemos aqui considerar o que é que se suspeita sobre o ensinamento das Verdades por que esse (a) dizer de nenhum conselho tem, pelos quais se fizeram as bases de muitas Pythagorás.

Pythagoras foi tão curto nas palavras, como dilatado nas sentenças.

Fr. Heitor Pinto na *Imagen da Vida Christã* da Edição de 4.^o pag. 236,
col. 1.

TYPE OF A TARTAN

MARY ASTOR

Quainton has been gone, come
to see us, and she has given us **A**
coffee, and we have had a good time.
She is a dear old woman, and we are
very glad to have her here.

We have just returned from Jum
part, where we have been staying at the Hotel
de la Paix. We have been there for a week, and it has been a
wonderful time. The hotel is very comfortable, and the food is
excellent. We have been walking around the town, and have seen
many interesting sights. We have also been to the beach, and have
had some nice walks along the shore. The weather has been
very nice, and we have enjoyed our stay very much. We are
now back home, and are looking forward to our next trip.



Π Υ Θ Α Γ Ο Ρ Ο Υ

ΧΡΥΣΑ ΕΠΗ.

A Θανάτους μὲν πρῶτα θεοὺς, νόμῳ
ώς διάκεινται,
Τίμα· καὶ σέβου ὄρκου· ἐπειδ'
ἥγωνται ἀγανούς.

Toúς

Honra : Para intelligencia destes primeiros tres Versos de Pythagoras he necessario advertir que , segundo a doutrina do mesmo Filosofo , Deos . Pai , e Creador de todas as coisas , tendo posto em ordem o Universo , e distribuido pelos Astros , álem dos Deoses inferiores , que tinha creado , um igual numero de espíritos e almas humanas , assignando a cada um dos taes Astros a sua ; e depois de as ter collocado deste modo sobre uma como carroça , lhes descobriu a natureza do mesmo Universo , e intimou as invariaveis leis do Destino , a que nós chamaremos Providencia , o que tudo se pôde ver no Timéo de Platão (a pag. 326 do Vol. IX da edição Bipontina , ou de Duas Pontes) o qual tambem serve de explicar o sistema dos Pythagoricos ; e em Hiéroclés (sobre este mesmo I.^o Verso .) Isto posto , estabelece aqui Pythagoras que se deve dar aos sobreditos Deoses um culto proporcionado á sua dignidade , graduação , e jerarquia ; por quanto , conforme diz o mencionado Hiéroclés , um final da superioridade , e inferioridade de uns a respeito de outros , he a ordem e lugar das es-



VERSOS DE OURO
DE
PYTHÁGORAS.

Honra primeiramente os Deoses im-
mortaes , conforme o grão de pre-
minencia , que tem destinado a Lei
ás suas jerarquias.

Respeita com igual observancia o Ju-
ramento : depois venera os Herões cheios de
bondade , e de luz.

Ren-

feras Celestes , que lhes forão distribuidas , conforme
a sua essencia , poder , e soberania : erro , que os Py-
thagoricos tinhão tomado , como bem adverte Dacier ,
dos Caldéos , que fingião haver muitas ordens de Deo-
ses , a cada um dos quaes se devia dar o seu corre-
pondente e respectivo culto. Esta falsa , posto que bem
ordenada adoração daquelles Gentios , concordava na
sua boa ordem com a nossa de Latria a Deos , de Hy-
perdulia a Nossa Senhora , e de Dulia aos Santos : a
qual deve ser tributada segundo a mente do Sagrado
Concilio Tridentino *Sess. XIII. cap. 5. de Cultu & ve-
nerat. SS. Sacram. exhibend. e XXV. de Invocat. cet.*
A respeito do mais que dissemos , veja-se Jamblico
allegado por Dacier a pag. 276 do II.^º Tomo da *Bio-
bliothque des anciens Philologes.*
Aqui perguntará qualquer a razão , porque o Au-

Tous τε καταχθονίους σέβε δαιμόνας,
ἔννομα γέζων.

Tous

ctor destes Versos não falla nelles senão do culto , que se deve dar aos Filhos de Deos , e não diz uma só palavra do que se deve ao mesmo Deos , que os creou . Dacier , dando o seu parecer neste ponto , responde (ahi mesmo pag. 262) que , seguindo Pythagoras os Egpcios , e não fallando estes do primeiro Principio , visto contemplarem-no cercado de trévas que o occultavão , que vem a ser o que diz Damasco , περὶ τὴν ἀρχὴν , σύντος ὑπὲ πᾶσαν οὐκον , σύντος ἀγνωστὸν : que o primeiro Principio , isto he , Deos Pai , e Creador de todos os Entes , remonta-se a perder de vista sobre toda a imaginação ; que he uma escuridade impenetravel : e conformando-se elles nisto , como pretendem muitos , com a Theologia de Orfeo , que tambem dizia : Eu não vejo o primeiro Ente , porque está cercado de uma nuvem , que o rouba de todo ponto a meus olhos :

Ἄντοι δὲ οὐχ ὄράω περὶ γὰρ νέφος ἴσημαται :
segundo Pythagoras , digo , os Egpcios , e estes a Orfeo , e não conhecendo do modo que desejavão o primeiro Ente , não podião , segundo os seus principios , assignar-lhe o devido culto ; mas ensinavão que a adoração , que se tributava aos Deoses , aos Heróes , e aos Demonios subterraneos , se ia terminar e referir a Deos que os tinha criado . A respeito de chamar Orfeo ao primeiro Ente Pai de todos os Deoses , e Creador do Ceo , e da Terra , veja-se Lactancio L. I. de Falsa Religion , cap. 5.

Honra : O termo Τιμὴ , isto he , Honra , geralmente fallando , tanto se diz dos homens , como dos Deoses . Sobre o que se pôde ler Aristóteles (a Nicom. L. I. c. 12.) Mas que propriamente seja devida aos Deoses τὸ σέβειας , a adoração , ou veneração ; aos Pais τιμὴ , a honra ; e aos Velhos αἰδὼ , o respeito , patece

Rende tambem esta mesma veneração aos Demonios subterrâneos , dando-lhes o culto , que legitimamente lhes he devido.

D Hon-

dálo a entender Plutarco tratando sobre a Educação da Mocidade , quando escreve : ὅτι δεῖ τοὺς μηδεὶς σέβεσθαι , γορίας δὲ τιμῆν , πρεσβυτέρους αἰδεῖοθαί . Quer dizer : Que convém adorar (ou venerar) os Deoses , honrar os Pais , respeitar os Velhos. Theodoro Marcilio.

Primeiramente : Não só deste lugar , mas de outros muitos dos Gentios , vemos que os mesmos Pagãos conhecérão a preferencia que devia ter o Supremo Arbitro do Universo em ser pelas creaturas adorado , respeitado , e servido ; circumstancia , que tambem declara Focylides (*Vers. 6.*) quasi pelas mesmas palavras de Pythagoras : Ήγέρτα θεὸν τίμα . Honra primeiramente a Deos : onde poz θεὸν Deos no singular e não no plural , por ter , como adverte Marcilio , tomado muitas coisas dos Versos das Sibyllas , conforme diz Suidas na palavra Φωνηλόντος . Virgilio (*Georg. L. I. v. 338.*) tambem disse : In primis venerare Deos : Quer dizer , como traduz Leonel da Costa : Sobre tudo venera os grandes Deoses.

Os Deoses immortaes : Vem estes a ser aquelles mesmos Deoses , que são chamados pelos Latinos *maiorum gentium dii* ; isto he , Deoses da primeira ordem , e da mais alta jerarquia ; bem assim como erão denominados *di minorum gentium* os de inferior graduação. Entre os sobreditos Deoses havia doze , que se chama-vão *Consentes* , e oito que tinham o nome de *Selectos* , ou *Escolhidos*. Os *Consentes* , seis machos , e seis femeas , que se conspiravão unanimes para a administração do Universo , comprehendeo Ennio com maravilhoso artificio nestes dois versos :

Juno , Vesta , Minerva , Ceres , Diana , Venus , Mars , Mercurius , Jovis , Neptunus , Volcanus , Apollo.

Tous te γονεῖς τίμα, tous τὸ ἄγκιστον
ἐκγεγαῶτας.

Taw

Onde se deve notar o Nominativo antigo *Jovis*, cujo *s* no fim se elide, ficando breve o *i* antecedente. Os *Selectos* erão os que os Deoses *Consentes* tinham feito companheiros da sua grandeza, e do seu poder, para serem como seus Coadjutores. Eis-aqui os seus nomes: *Genio*, *Sol*, *Plutão*, *Bacco*, *Terra*, *Lua*, *Jano*, *Saturno*. Cicero (L. II. de Leg.) denominou aos *Consentes* *cos*, qui caelestes semper habiti: isto he, aquelles, que sempre se veneráro como habitadores do Ceo. Porém, além de outros, ainda o mesmo Cicero reconhece que os taes Deoses vivérão sobre a terra. Eis-aqui as suas palavras: *Si vero scrutari vetera, & ex his ea quae scriptores Graeciae prodiderunt, eruere coneris ipsi illi, maiorum gentium dii qui habentur, hinc a nobis profecti in caelum reperientur.* Quer dizer: Se eu porém tomar a empreza de revolver os monumentos da Antiguidade, e delles desenterrar o que os Escritores da Grecia deixáramos assentado em lembrança, acharemos que aquelles mesmos, que são tidos por Deoses da mais alta jerarquia, passarão d'aqui da terra, onde nós vivemos, para o Ceo. Estas palavras de Cicero (Tusc. Quaest. L. I. c. 13.) devem ser notadas para prova, entre outras muitas, da futilidade dos Deoses dos Gentios. Veja-se, alem dos Escritores de Antiguidades, Antonio Claro da Silva in *Commentario ad Leges tam Regias, quam XII Tabularum, mores & canones Romani juris antiqui*, Parisiis 1603. 4.^o pag. 65, e segg.

Conforme o grão de preminencia: Este preceito, como adverte Hiérocles, e depois delle Theodoro Marçilio, deve entender-se não só dos Deoses immortaes, mas tambem dos Heróes, e dos Demonios subterraneos; porque todos elles, conforme a doutrina dos

Honra com similhante obsequio a teu Pai , e a tua Mäi , e aos teus parentes mais chegados.

D ii

En-

Pythagoricos , devião ter um culto correspondente ás suas jerarquias.

Lei : Torna-se aqui esta palavra *Lei* , segundo Hiérocles , e Dacier , pela Providencia , Vontade , ou Beneplacito , e Intelligencia Divina , ou ainda pelo mesmo Deos , que tudo creou e conserva. Esta interpretação pois , como diz Marcilio , he sim accommodada á mente de Pythagoras ; mas applicando-se á vida commum , e uso da Republica , pôde entender-se mais convenientemente aqui νόμος πόλεως , isto he , a *Lei da Cidade* , e venha a ser este o sentido : Que a veneração e o culto deve ser tributado aos Deoses , não de outra maneira do que permitem as leis da Cidade. Vejão-se a este respeito os Autores allegados pelo referido Marcilio , entre os quaes tambem se encontra um lugar de Xenofonte , que já nós apontámos e traduzimos a pag. 114 das nossas *Annotações* sobre o *Manual de Epictejo*.

O Juramento : Pythagoras , tendo concebido , como vimos , uma Lei , ou Providencia , que tudo creara , em consequencia desta Lei imaginava um Juramento Divino , que conservava todas as coisas na mesma ordem e estado em que tinhão sido creadas ; e este Juramento (que verdadeiramente he a melma Providencia olhada pela face , com que se determinou a conservar tudo) ligando o Creador á creature , ligava tambem a creature ao Creador : porque se a este incumbia dar pontual cumprimento á obrigação , que se tinha imposto , de conservar a ordem do mundo ; aquella tocava sob pena de impiedade não transgredir a ordem da Providencia , nem violar a fé do juramento Divino , visto ser este , como diz Hiérocles , innato

ε. Τῶν δ' ἄλλων ἀρετῆ ποιεῦ φίλοι,
ὅσις ἀριστος.

Pro-

e essencial a todas as criaturas Racionaes, que Pythagoras suppunha terem feito este mesmo Juramento em Deos e por Deos. Assim que Respeitar o Juramento não quer aqui dizer mais que encolher os hombros com humildade aos decretos Soberanos da Lei, isto he, da Providencia, respeitando a Sabedoria de Deos no acertado governo do Universo, e obedecendo em tudo e por tudo á ordem admiravel, que nelle estabeleceo o mesmo Supremo Arbitro, cujos preceitos devem á risca observar todas as criaturas Racionaes, que tem o dito conhecimento innato e essencial desta obrigação. D'aqui se pôde colligir o motivo de dar Pythagoras, como diz Laercio (na Vida deste Filosofo) a Juppiter o nome de Juramento, por conservar, segundo adverte Dacier, com equidade e justiça esta ordem do Universo. Tambem deste juramento Divino reputava e dizia Pythagoras ser uma cópia, ou retrato fiel o juramento humano, ou civil, o qual se não podia violar sem grande crime. Veja-se, álem de Hiérocles, Marcilio e Dacier.

Heróes: Que, segundo escreve Hesíodo (nos *Trabalhos e Dias* v. 158, e 159.) erão por outro nome chamados *Semideoses*. Eis-aqui as suas palavras:

οι (δηλοντι ἡγεμος) καλέονται

'*Hypothetos*.

Quer dizer: Os quae (isto he, *Heróes*) são chamados Semideoses. A respeito destes prescreve a lei apontada por Cicero (L. II. de Legibus) que se devião honrar como Numes, quos endo caelo merita vocaverint, *Herculem*, *Liberum*, *AEsculapium*, *Castorem*, *Polluecm*, *Quirinum*; isto he, a quem os seus abalizados merecimentos fizerão metter na segura posse do Ceo, como a *Hercules*, *Bacco*, *Esculapio*, *Castor*, *Pollux*, *Quirine*.

Entre a multidão dos outros homens tu com a tua virtude faze-te amigo de todo aquelle , que por ella mais se distingue.

Ce-

D'aqui se entenderá que as almas de similhantes Heróes não erão como as de muitos , ás quaes por fado proprio , como diz Virgilio (*Aeneid.* L. VI. v. 713.) erão devidos outros corpos , isto he , as quaes devião animar outros corpos ,

... quibus altera fato

Corpora debentur...

E a razão era , porque os seus distintos merecimentos não permittião que experimentassem as penalidades da vida , tornando ao mundo a informar corpos mortaes. Assim o declara Servio ao referido lugar de Virgilio por estas palavras : *Sciendum , non omnes animas ad corpora reverti : aliquae enim propter vitae merita non redeunt . aliquae redeunt propter malam vitam , aliquae propter fati necessitatem.* Em Portuguez dia : *He de saber que nem todas as almas tornão a informar os corpos ; a razão he , porque algumas pelos merecimentos da sua vida não voltão a eiles ; muitas tornão pela sua má vida : outras por disposição do fado.* Ao mesmo Hercules , que era um destes Heróes , como assima tocou Cicero , mandava Pythagoras sacrificar , segundo affirma Jâmblico em Stanley (no Tomo II. da Edição de Veneza pag. 369) Dacier depois de Hiérocles entende por estes Heróes os Anjos , a respeito do que pôde ver-se a Nota do P. João Luiz de la Cerdia commentando a Virgilio (na palavra *Candidus* da Ecloga V. v. 56 Tom. I. pag. 103. col. 2.) , e sobre o mais que fica dito , confira-se Rosino (*Antiq. Roman.* L. II. c. 17) , e com especialidade Antonio Claro da Silva *in Commentario ad leges tam Regias , quam XII. Tabula-*

Πραέστι δ' εῖκε λόγοις, ἐργοισί τ' ἐπω-
φελίμοισι.

Mηδ'

rum, mores, & canones Romani juris antiqui;, Parisiis
1603. 4. pag. 65.

Cheios de bondade e de luz : Ou tambem litteralmente *illustres, conspicuos, de distincto merecimento.* Nós incluimos no epitheto *ἀγανάκτες* a bondade e a luz dos Heróes : a bondade , para mostrar que só dos bons falla aqui o Auctor destes Verlos , porque tambem havia másos. Thales (diz Plutarco sobre as *Opiniões dos Filosofos* L. I. c. 8.) Pythagoras , Platão , e os Estoicos seguem que os Demonios são substancias animadas , e que os Heróes são almas separadas dos corpos humanos ; e que os bons são as almas boas , e os másos as más. Involve-mos a luz , tanto pela resplandescencia da que os Gentios suppunham haver nos seus bemaventurados , tendo talvez algum imperfeito conhecimento do dote da *Claridade* dos corpos gloriosos (confira-se com isto , que dizemos , a Nota de la Cerdá , que assim fica apontada) como por estar , segundo a intelligencia de Marcialio , todo o ar cheio d' almas , a que chamavão Demonios , e Heróes , e serem por isso lúcidas , diáfanas , e transparentes , doutrina , que tirada das maximas de Pythagoras refere Laercio (na *Vida do mesmo Filosofo*) por estas palavras : *ἴλιαι τε πάντα τὸν δέρα ψυχῶν ἔμπλεον· καὶ τούτους, τοὺς δάιμονας τε καὶ ἥγεις νομίζεσθαι.* Que todo o ar estava cheio de almas , e que estas erão os tidos e havidos por Demonios , e Heróes. Tambem isto mesmo declara S. Isidóro nas suas *Ety-mologias* (L. VIII. c. 11.) pelos termos seguintes , que traduzimos de Latim em Portuguez : Dizem que os Heróes deriváram o seu nome de Juno ; porque em Grego Juno se chama *Hῆγα* . E por isso não sei que filho seu foi , segundo a fabula dos Gregos , denominado *ἥγως* , dando-lhe sem dúvida a fabula esta como significação my-

Cede sempre ás suas brandas advertencias, e relevantes acções.

E

steriosa, por ser a Juno deputado e dedicado o ar, onde querem que habitem os Heróes, nome, com que appellidão as almas dos defuntos de algum merecimento, como se dissem ἀνέων, isto he, Varões aeries, e dignos do Ceo por causa da sua sabedoria e fortaleza. Onde as palavras de algum merecimento devem entender-se não de qualquer leve merecimento; mas de algum merecimento abalizado, extraordinario, distinto. Hiérocles, entendendo pela palavra Heróes os Anjos, diz que o epítheto ἄγαροι denota na sua raiz que os taes Heróes são cheios de bondade e de luz: de bondade, por não cahirem no vicio: de luz, por se não esquecerem do seu Creador, illustrados sempre com os raios do conhecimento Divino. Quanto mais que o Heróe, segundo a definição do mesmo Hiérocles (sobre os Versos 68, 69, e 70.) era uma alma Racional com um corpo luminoso: logo bem podia, só por esta razão, dar aqui aos Heróes o epítheto ἄγαροι cheios de luz. Veja-se a respeito do que fica dito Cicero (*Tusc. Quæst. L. I. c. 12.*) com as Notas de Dacier sobre o Commentario de Hiérocles ao presente Verso de Pythagoras.

Demonios subterraneos: Por Demonios subterraneos entende aqui o Auctor destes Versos os Defuntos, que morrerão depois de terem vivido ajustados com as maximas da Sabedoria. Chama-lhes pois Demonios, isto he, *Sabios*, porque todo o homem de bem, como diz Sócrates em Platão (veja-se o Crátylo a pag. 260 do Vol. III. da edição Bipontina) não só depois de morto, mas ainda em vida, podia ter com razão este nome. Porém só depois de mortos, conforme a opinião antiquissima dos Gentios, he que os homens erão propriamente chamados Demonios, como se pôde

*Μηδὲ ἔχθαιρε φίλον σὸν ἀμαρτάδος εἴ-
νεκα μικρῆς,*

Ophex

ver em Santo Agostinho (sobre tudo no L. VIII. da *Cidade de Deus*, c. 26, e IX. 11.) em Hesiodo (no seu Poema intitulado : *Trabalhos e Dias*, v. 120, e 139.) e finalmente em Maximo Tyrio (na *Dissertação XV.* pag. 163, 171, e 173 da Edição de Davisio). E como os homens nesta vida mortal, senão propria, ao menos impropriamente, podião ser chamados *Demonios*, conforme o uso dos mesmos Antigos, como acabámos de dizer, por isso o Auctor destes Versos, para differenciar os já mortos dos ainda vivos, lhes dá o epítheto de *καταχθόνιοις subterraneos*. De maneira que vem, como nós assentâmos e seguimos, a corresponder aqui estes *Demonios subterraneos* aos que Virgilio (*Aeneid.* L. IV. v. 34.) denomina *manes sepultos*. O certo he que a palavra *Manes* (como adverte no seu *Diccionario de Antiguidades Romanas e Gregas* Danet) se acha nos Gloffários antigos interpretada em Grego *Δαιμόνες*, Θεοὶ καταχθόνιοι, *Demonios* (ou *Genios*) *Deoses subterraneos*. Da mesma sorte nas inscrições Sepulcraes entre os primitivos Romanos, que fazião os seus epitafios em Grego, as letras Θ. K. querião dizer : ΘΕΟΙΣ ΚΑΤΑΧΘΟΝΙΟΙΣ. *AOS DEOSES SUBTERRANEOS*, que no Latin forão depois trocadas em D. M. ou *DIS. MAN.* ou sem abbreviatura *DIIS MANIBUS, AOS DEOSES MANES.*

Aqui se não deve passar em silencio o que, segundo escreve Eliano (*Var. Hist.* L. IV. c. 17.) affirmava Pythagoras a respeito dos tremores de terra, dizendo que erão causados pelo ajuntamento dos mortos, isto he, quando fazião os seus congressos. Nem podemos igualmente omitir a exageração de Plinio (no Proemio do L. XXXIII. da *Hist. Natur.*) fallando da abertura das minas por estas palavras : *Imus in*

*E não te ponhas logo por qualquer
leve falta mal com teu amigo,*

Em

viscera ejus (sc. telluris) & in sede manium opes quaerimus. Vem a dizer : *Descemos ás entranhas da terra, e alli no assento dos Deoses Manes buscâmos as riquezas.* A respeito do muito que ha que ponderar sobre o que temos dito , veja-se o já allegado Commentario ás Leis das doze Taboas de Antonio Claro da Silva a pag. 481 , e segg. : La Cerda com os outros Expositores aos versos da Eneida de Virgilio 34 , e 427 do L. IV. e 292 do L. VI : Huet , cuja explicação da palavra *Manes* se acha a pag. 222 de Festo publicado para uso do Delfim com as Illustrações de Dacier no anno 1700 , a qual explicação , que alli se acha allegada , se reputa ser a mais certa e genuina : e finalmente a eruditissima , e mui douta *Dissertação da natureza das almas* , que dividida em onze Artigos se pôde ver no Virgilio *ad usum cum interpretatione & notis Caroli Ruaei* , desde o verso 724 até 748 do VI. livro da Eneida.

Que legitimamente lhes he devido : A frase do Texto *ἱρομά φίλας* , pôde aqui entender-se , conforme o parecer de Marcilio , na mesma accepção de *χοὰς ἵπτος* , *καὶ ἴραγῆς* , fazer exequias , e sacrificar aos *Deoses Manes*. Hiérocles não vai fóra deste sentido , como adverte o referido Marcilio , e com razão ; porque tendo exposto aquelle Commentador Grego na explicação que faz ao presente lugar , que o culto legitimamente devido aos Demonios , isto he , aos Sábios , consiste em cada um obedecer aos seus preceitos , como leis e regras de bem viver , lançando mão das maximas da virtude , que seguirão , e que tão inculcadas deixárão nos seus Escritos , remata dizendo , que deste modo he que se lhes vem a tributar muito mais sólida e verdadeira honra , do que se qualquer

Οφρα δύνη· δύναμις γαρ ἀνάληγης ἐγγύ-
δι φαίει.

Tacu-

Ihes fizesse sobre seus tumulos as libações mais exquissitas , e lhes offerecesse os sacrificios mais sumptuosos. Com este pensamento de Hiérocles , ainda que Tacito concorde no fim da *Vida de Agricola* (cap. 46.), todavia temos por verdadeira a intelligencia do sobredito Marcilio , que solidamente confirma o seu parecer com a lei , que aponta Cicero (L. II. de Legibus) por estas palavras : *Deorum Manum jura sancta sunt.* Quer dizer : *Os direitos dos Deoses Manes sejam inviolaveis.* Tambem adverte que o mesmo Orador affirma (nos Tópicos) chamar-se propriamente *santidade* a justiça para com os Manes. *Atque etiam* (taes são os termos de que usa Cicero) *rursum aequitas tripartita dicitur esse :* *una ad superos deos , altera ad manes , tertia ad homines pertinere.* *Prima pietas , secunda sanctitas , tertia justitia aut aequitas nominatur.* Em Portuguez vem a dizer : E tambem se diz ainda que he de tres maneiras a equidade : que uma pertence aos Deoses superiores , outra aos Manes , a terceira aos homens. A primeira chama-se piedade , a segunda santidade , a terceira justiça , ou equidade. Veja-se Antonio Claro da Silva no seu Commentario já allegado a pag. 481 , e confira-se tambem Cicero *Tusc. Quæst. L. I. c. 12* , e de *Amicitia* cap. 4 , o qual comeca : *Plus apud me cet.*

A teu Pai e a tua Mãe : Recommenda aqui o Autor destes Versos a honra que se deve tributar aos Pais , Mais , e parentes , a qual , segundo bem pondera Hiérocles , não consiste em cegamente lhes obedecer em tudo o que mandão , ou em condescender com elles a tôrto e a direito no que desejão ; mas só em lhes fazer a vontade , ou comprazer no que se não oppõe á lei de Deos. Veja-se o mesmo Hiérocles.

Entre a mulhidão : Que não possa haver amizade

*Em quanto puderes ; porque o poder
mora junto da necessidade.*

Sa-

verdadeira senão entre pessoas de bem e virtuosas, maxima he fundamental que Cicero (*de Amicit. c. 5.*) estabelece por estas palavras : *Hoc primum sentio, nisi in bonis, amicitiam esse non posse.* Vem a dizer : *O primeiro principio, em que assento, he este : Que não pôde haver amizade senão entre bons.* E no mesmo Dialogo (*c. 6.*) diz desta maneira : *Nec sine virtute amicitia esse ullo pacto potest.* Isto he : *Nem de modo algum pôde haver amizade sem virtude.* Por occasião de fallarmos da amizade, não he justo passar em silencio um lugar de Horacio (*L. I. Satir. IV. v. 81, e segg.*) em que este Lyrico pinta os caractéres do homem, que não pôde, nem deve reconhecer-se por amigo. Eis-aqui as suas palavras :

Absentem qui rodit amicum,

Qui non defendit, alio culpante: solutos

Qui captat risus hominum, famamque dicatis:

Fingere qui non visa potest: commissa tacere

Qui nequit: hic niger est: hunc tu, Romane, caveto.

Em Portuguez diz assim : Todo o homem, que murmura e detrahe do amigo na sua ausencia; que o não defende, quando outrem põe mácula na sua reputação; que procura fazer dar aos outros descompostas risadas á conta de não perdoar a ninguem com as suas calunias, & que pertende ganhar por iijo fama de chocarreiro, e gracioso; que não põe dúvida em fingir e levantar novidades, que não acontecerão, e coisas que nunca vio; o que se não pôde ter, sem revelar o segredo, que delle confiarão; este homem he de relé mal intencionada, tu, o Romano, foge de terres communicação com elle. Veja-se a este respeito Fr. Heitor Pinto no Dialogo da verdadeira Amizade.

Mais se distingue : A exhortação, que neste Verso de Ouro lemos, he verdadeiramente aurea ; porque

Taῦτα μὲν οὔτως ἔσθι· προτεῖν δὲ εἰ-
δίζεο τῶνδε,

Γα-

quanto maior for a virtude dos amigos , tanto mais firme , perfeita , e verdadeira ferá tambem a sua amizade.

Cede sempre : O sentido natural deste Verso he , que devemos ceder , e obedecer aos amigos , quando nos dão conselhos honestos , e quando fazem , ou intentão fazer alguma accção para nós , ou para os mais util e proveitosa. Horacio tambem disse (L. I. Epist. XVIII. v. 44) concordando no mesmo pensamento , e com igual madureza :

... *Tu cede potentis amici
Lenibus imperiis . . .*

Isto he : *Tu cede ás brandas insinuações do amigo podes-
roso , Alem desta intelligencia pôde o presente Verso
admittir a seguinte : Cede (a teu amigo) com brandura
de palavras , e com relevantes serviços.*

E não te ponhas : Funda-se este preceito da Amizade na doutrina de Pythagoras , que , segundo refere Laercio (na Vida do mesmo Filosofo) dizia : *Que sim haviamos de tratar e viver uns com os outros ; porém de tal maneira , que não converteſſemos os amigos em inimigos , e aos inimigos conciliáſſemos por amigos.* Recomenda-nos pois aqui o Autor destes Versos que sofrâmos , e relevemos as faltas dos amigos , a que chama leves (Horacio as compara com as verrugas L. I. Satir. III. v. 74.) em razão de as suppor commettidas a respeito de coisas caducas e transitorias , como são , por exemplo , as riquezas , e a gloria , que muitos dos Gentios reputavão por bugiaras e nónnadas deste mundo. E como alguem podia dizer que lhe faltava paciencia para tolerar as taes faltas dos amigos , por isso acrecenta *em quanto puderes* : Logo , para que ninguem replicasse , allegando por escusa a limitada

Sabe pois que assim te incumbe observar estes preceitos ; mas vai contrabindo habito de vencer as paixões.

E

esfera do seu poder , nem pretendesse medir este (conforme a intelligencia de Hiérocles) pela propria vontade , mas pelas forças da natureza (nós diríamos pelo socorro da Graça) immediatamente adverte que o poder mora junto da necessidade , isto he , que as forças , que tem o homem para executar esta , ou aquella accão repugnante , difícil , e penosa , de nenhum modo hão de ser por elle consultadas com as suas paixões particulares , nem com o seu melindre , e muito menos com o amor proprio , que o céga : mas só devem ser buscadas na vizinhança da necessidade : mais claro : que todo o homem deve practicar em taes circumstancias aquillo mesmo , que poderia fazer obrigado na mais urgente necessidade. O gotoso , por exemplo , tem para si que não pôde dar um passo : mas se acontece pegar o fogo na camara , em que está padecendo as dorés da sua enfermidade , logo se põe a pé , foge , e muitas vezes corre mais que os mesmos sâos. E quem dêo forças ao tal gotoso para correr ? He certo que foi a necessidade urgentissima que o obrigou a todo o custo a salvar a vida. Não de outra maneira devemos soffrer as faltas do amigo , ainda que nos pareçam intoleraveis , considerando que estamos unidos e vinculados estreitamente com elle pela maior de todas as necessidades , que vem a ser os laços da amizade , cuja sagrada lei he , como diz Hiérocles , de uma virtude eminentissima e tão perfeita , que se remonta sobre todas as outras virtudes , visto ser o fim das ditas virtudes a amizade , e o seu principio a piedade. Tal he a intelligencia do presente lugar , que ainda pôde ter o sentido seguinte : Como alguém podia julgar que este preceito de soffrer as leves faltas

Γαστρὸς μὲν ἀρχότισα, καὶ ὑπνου,
λαγυνεῖν τε,
Καὶ Θυμοῦ. πρήξεις δ' αἰσχρόν
τοτε μήτε μετ' ἄλλου,

Μῆτ'

do amigo, se estendia não só ás que já dissemos, senão tambem a outras faltas, que parecem leves, mas são gravíssimas, contra o nosso aproveitamento, as quaes nos pervertem, desencaminhão, e levão por fim á perdição; motivo porque o Autor destes Versos acrescenta *em quanto puderes*, vindo nisto a dizer, em quanto a amizade desta, ou daquellea pessoa não for incompativel com a virtude, que deves praticar. E logo dá a razão: *porque o poder mora junto da necessidade*, isto he, porque o poder de honesta e licitamente executar qualquer accão acaba naquelle termo, e ultimo ponto, que principia já a tocar no torpe, e no illicito. Aqui devemos trazer á memoria o exemplo de Péricles, o qual, rogando-lhe um seu amigo, que affirmasse por amor delle uma mentira com juramento, disse: *Convém ser amigo, mas até os altares.* Quiz dizer, que era boa coisa a amizade, e digna de se conservar com alternados benefícios; mas que havião de ser de tal qualidade, que não fossem contra o Divino beneplacito, porque não havião de repugnar á Religião, nem saltar as barreiras da consciencia. Veja-se Fr. Heitor Pinto, de quem são estas palavras (na *Imagen da Vida Christã*, pag. 432 da Edição de 4.) e Aulo Gellio no L. I. c. 3.

Sabe pois: He esta uma transição, da qual tambem usou Theognis (v. 31 das suas *Sentenças Elegiacas*) do mesmo modo:

Ταῦτα μὲν οὔτως ἴσδι· κακοῖσι δὲ μη προσομίλειται
Ἄνθεάσιν, ἀλλ' αἱ τὰν ἀγαθῶν ἔχει.

Sabe pois que assim te incumbe observar estes preceitos.

*E primeiro que tudo a da gula, 10
e do sono; tambem a da concupiscencia,*

*E da ira. Nem já mais commettas
acção alguma torpe, nem com
outrem,*

Nem

*Quanto ao mais, não tenhas communicação com homens
máos, mas antes conserva-a sempre com os bons. Marci-
lio.*

*Mas vai contrahindo habito: A fim de se poderem
observar os preceitos, que já tem dado, recomenda
o Auñor destes Versos o vencimento das paixões des-
ordenadas, reflectindo que, sendo ellas a causa de to-
do o mal, se devem sopear, como obstaculo que vem
a ser de todo o bem.*

*E primeiro que tudo a da gula: O excesso no co-
mer provoca um sono largo e profundo, e estes dois
juntos produzem uma força, e uma saude tal, que
excitão immoderadamente ao amor, e que irritando
a parte concupisçivel da alma (são palavras de Hiéro-
cles) a fazem cahir na intemperança, e em todo o
genero de demazia. Ora a parte irascivel ajuntando-se
depois a esta parte concupisçivel, nenhum perigo teme,
nenhum combate a intimida, expõe-se, arris-
ca-se a tudo, só por satisfazer e faciar os seus appeti-
tes. E como pelas mencionadas paixões, bem como
por degráos, se chega a commetter o peccado: moti-
vo porque o Poeta diz que devem ser, primeiro que
todas as outras, infallivelmente sopeadas, e de todo
ponto vencidas. Veja-se o allegado Hiérocles, cuja
explicação aqui seguimos.*

*Nem já mais commettas: O que o Poeta no pre-
sente Verso nos adverte, he, que nem a solidão,
ou retiro nos faça cahir n'alguma acção peccaminosa,
nem a companhia e numero de outros complices nos*

ΟΙ Μήτ' ἴδιη· πάντων δὲ μάλιστ' αἰσχύνεο σαυτὸν.

Εἴτα δικαιοσύνην ἀσκεῖν ἔργω τε, λάγω τε,

Μηδὲ ἀλογίσως σαυτὸν ἔχειν περὶ μηδὲν εἴπει.

Αλλὰ

facilite a commetter já mais o crime , parecendo-nos que ou a multidão dos taes complices tem virtude de cohonestar , e justificar a maldade ; ou que por estarmos sós , ninguem nos vê , ou poderá achar em frangente delicto , quando he certo que o mesmo Deos , o Anjo da Guarda , e a propria consciencia , nos são testemunhas de tudo quanto fazemos . D'aqui se vê a razão , porque logo acrecenta as palavras : *E sobre tudo pêja-te de ti mesmo* , insinuando que a nossa mesma alma , e o testemunho da propria consciencia são uns Fiscaes de todas as acções que executámos , dos quaes muito nos devemos temer , e envergonhar . Confira-se a doutrina de Epicteto em Arriano L. I. c. 14.

Pêja-te de ti mesmo : Sentença he de Thales Milesio em Ausonio :

Turpe quid ausurus, te sine teste time.

Quer dizer : Quando intentares pôr em execução alguma coisa mal feita , posto que disjo não haja testemunha , teme-te de ti mesmo . Ora do mencionado dito se valerão outros muitos , como em Estobeo Demócrito , Theofrasto , Musonio , Catão . E em Laercio Demétrio Falero . Também Galeno produzindo este lugar , diz desta maneira : Σὺ δὲ σαυτὸν αἰδοῦ μάλιστα , πειθόμενος τῷ φάρτῳ .

——— Πάντων δὲ μάλιστ' αἰσχύνεο σαυτὸν .
Tu porém cobra muito principalmente respeito e reverencia a ti mesmo , obedecendo a quem disse :

Nem contigo só em particular; e sobre tudo péja-te de ti mesmo.

Em consequencia disto, assim nas tuas acções, como nas tuas palavras, costuma-te a practicar a justiça,

E a te não portares em coisa alguma com imprudencia.

E *Mas*

----- *E sobre tudo péja-te de ti mesmo.*

Marcilio.

*Em consequencia disto: Recomenda-nos aqui o Auctor destes Versos a Justiça, como virtude, que se diffunde pelas outras, e as comprehende todas, doutrina, que expressamente declarou Theognis (v. 147 das suas *Sentengas Elegiacas*) por estas palavras:*

Ἐν δὲ δικαιοσύνῃ συλληφθῆν πᾶν ἀγετήσι.

*Na Justiça porém collectivamente se encerra toda a virtude. Veja-se a Polyanthaea de Langio na palavra *Justitia*.*

*E a te não portares: A frase do Texto σαυτὸν ἀλογίσως ἔχει está em lugar de σαυτὸν ἀλογίσον εἶναι, isto he, ser imprudente. Por quanto o Verso antecedente pertence á Justiça; este porém he ácerca da Prudencia. *Marcilio.**

Aqui se deve notar que as duas vozes negativas μηδὲ περὶ μηδὲ estão por um elegante pleonasmo, para reforçar mais a negação, conforme o uso dos Gregos, e ainda dos Latinos, a quem imitão igualmente os Portuguezes, quando, por exemplo, dizem: *Não tenho nada; não faço nada; não digo nada;* em vez de dizerem: *Nada absolutamente tenho; nada absolutamente faço; nada absolutamente digo.* Vejão-se os Grammaticos das linguas Grega, e Latina, e entre elles Nonio Marcello de *Doctorum Indagine*.

ιε. Αλλὰ γνῶθι μὲν ὡς θανέειν πέ-
πρωτας ἄπας·

Χρήματα δ' ἄλλοτε μὲν κῆποθαι
φίλει, ἄλλοτ' ὀλέσθαι.

"Οσσά τε δαιμονίησι τύχαις βρο-
τοὶ ἄλγε ἔχουσιν,

Ω^v

Mas fare sempre esta reflexão: Depois de recomendar a Prudencia no Verso antecedente, vai o Auctor destes Versos desenvolvendo agora os mais excellentes effeitos, que nascem da referida virtude, insinuando logo com a lembrança da morte, que propõe, que, visto ser este um Decreto da Providencia contra todos os homens fulminado, ninguem leve a mal o morrer, mas trate só, como explica Hiérocles, de morrer bem. Quanto ao verbo γνῶθι, allude com elle o Poeta, conforme diz Marcilio, ao preceito de Apollo γνῶθι σεαυτὸν, Conhece-te a ti mesmo: porque neste conhecimento se inclue principalmente a certeza de sermos todos mortaes. A respeito do que veja-se Seneca de Consolatione ad Marciam cap. 11.

E que os bens da fortuna: Pôde servir de commentario a este Verso a mesma explicação, que já fizemos ao Capitulo XV. do Manual de Epicteto.

Neste Verso devemos notar que muitas Edições, como as de Veneza, trazem não φίλει no presente, mas sim φίλαι no imperativo; e segundo esta lição, que parece a Marcilio ter maior garbo que a primeira, poderemos assim traduzir: *Folga pois umas vezes de adquirir, outras de gastar o dinheiro e a fazenda.* Nós porém damos á lição do Texto, que seguimos, a preferencia, não obstante fazer bom sentido tambem esta ultima, pois he, segundo a intelligencia do allegado Marcilio, como se diffira: Que no di-

*Mas faze sempre esta reflexão, 15
que decretado está pelo Fado a todos o
morrer:*

E que os bens da fortuna se costumão efectivamente umas vezes adquirir, outras perder.

No tocante ao grande numero de miserias da vida , que os mortaes padecem por Divina fortuna ,

E ii

nheiro nada ha que appetecer , nem desejar fóra do uso. Veja-se o mesmo Annotador.

No tocante : Para intelligencia destes dois Versos he necessario advertir primeiro , que , segundo a doutrina de Pythagoras explicada por Platão no Livro X. da sua República (veja-se o Volume VII. da edição Bipontina a pag. 330) não tinha Deos culpa (como o nosso verdadeiro Deos , que nunca a teve dos nossos males) dos infortunios dos homens , por serem elles os mesmos , que escolherão os seus diferentes estados e condições , que havião de ter neste mundo , como se pôde ver por extenso no referido lugar do mesmo Platão , que expressamente diz assim : *αἰτία
ἐλουένου· Δεός ἀβάτιος.* A culpa he de quem escolhe , Deos não he culpado . Isto posto , diz agora o Auctor destes Versos que , devendo castigar Deos pelo attributo da sua Justiça os máos , coim o tambem premiar os bons ; e não estando ninguem , por mais recto que seja , isento de faltas , ao menos leves :

*Nam vitiis nemo sine nascitur : optimus ille est,
Qui minimis urgetur.*

Vem a dizer: Porque em fim sem vicios ninguem nasce: o homem, que pôde ter o nome de benissimo, he aquelle

*Ων ἀν μοῖσαν ἔχης, πρώτως φέρε,
μηδ' ἀγανάκτει.*

*Ιᾶσθαι δὲ πρέπει καθόσου δύνη·
ἄδε δὲ φράζευ.*

*κ. Οὐ πάντα τοῖς ἀγαθοῖς τούτων
πολὺ μοῖρα δίδωσι.*

Πολ-

que se acha enredado nos mais leves defeitos , como escreve Horacio (L. I. Satir. III. v. 68.) tem por esta causa todo o homem obrigação de tolerar mui resignado e humilde as calamidades da vida , refletindo que as tem merecido pelos seus crimes , e por sua propria escolha: e que se não pôde queixar de Deos , o qual , attendendo á sua Justiça , infallivelmente o havia de punir pelos ditos crimes , e peccados , que isso vem a declarar as palavras do Texto *δαιμονίοις τόχαις por Divina fortuna* , ou mais á letra , *por Divinos casos , ou acasos* ; porque suposta a culpa da parte do homem , segue-se irremediavelmente o castigo da parte de Deos. Veja-se Hiérocles , discorrendo , e filosofando sobre este assunto.

Já que he força te caiha : A razão he manifesta ; porque neste mundo não ha felicidade alguma perfeita : *Nihil est ab omni parte beatum* , diz Horacio L. II. Od. XVI , v. 27. Veja-se a este respeito o Auctor d'Alma Instruida Tom. I. pag. 269.

Sanear a québra : A doutrina deste Verso he a mesma , que já nós explicâmos nas Anotações que fizemos ao Capítulo XXIV. do Manual de Epicrétio.

Que o Fado : Alem de suppôr que ha Providencia , contém este Verso um documento importantissimo para emenda dos mortaes. Por quanto vem a insinuar que , permittindo sempre o justo , e acertado governo da Providencia os males á proporção das culpas , deva

Já que he força te caiba dellas
por sorte alguma parte , soffre-as to-
das com animo resignado , e não te mos-
tres impaciente.

O que porém te importa fazer ,
he , sanear a québra dessas desventuras ,
quanto estiver na tua mão ; e nestes
termos considera :

*Que o Fado nem por iſſo permitte 20
que sobre as pessoas de bem venha gran-
de tropel destas calamidades.*

Ora

cada um sem demora emendar-se dellas , trazendo á memoria que , ficando , em consequencia da providentissima Justiça de Deos , as pessoas de bem sujeitas a menor castigo , do que as perversas , he razão , e conveniencia propria que , a não ser inimigo de si mesmo , vá em seguimento dos passos daquellas , e não destas , fugindo totalmente do vicio , e praticando a virtude. Nem obſta o dizer que os virtuosos tambem são contrastados da fortuna : porque , segundo escreve Seneca (*de Provid. cap. 2.*) : *Marcat sine adversario virtus* , isto he : *Marcha-se a virtude sem contrario.* E noutro lugar (*cap. 3.*) diz assim : *Inter multa magnifica Demetrii nostri & haec vox est , a qua recens sum. Sonat adhuc & vibrat in auribus meis. Nihil , inquit , mihi videtur infelicius eo , cui nihil unquam evenit adversi.* Vem a dizer : Entre muitas relevantes sentenças do nosso Demétrio he tambem uma dellas esta voz , da qual tenho fresca a memoria. Sóa-me ainda dentro n'alma , e faz-me retinir os ouvidos. Nada , diz , me parece mais infelice , que aquelle , a quem nada já mais aconteceo de adverso.

Πολλοὶ δὲ ἀνθρώποισι λόγοι δεῖλοι τε
καὶ ἐσθλοὶ

Προσωπίζουσ', ὃν μήτ' ἐκπλήσσεο,
μήτ' ἄρ' ἐάσῃς

Eig-

Quanto a nós os Christãos , devemos sempre confessar com David (Psalm. CXVIII. v. 137.) *Iustus es, Domine, & rectum judicium tuum.* Em Portuguez : *Justo sois, Senhor, e recto he o vosso juizo.* No Sermão pelo bom sucesso das Armas de Portugal contra as de Hollanda , pag. 473 da III. Parte , depois de allegar estas palavras do Salmista , diz assim o P. Vieira : *Por mais que nós não saibamos entender vossas obras, por mais que não possamos alcançar vossos conselhos : sempre sois Justo, sempre sois Santo, sempre sois infinita Bondade : e ainda nos maiores rigores de vossa Justiça, nunca chegais com a severidade do castigo aonde nossas culpas merecem.* A este respeito vejão-se os Expositores da Escritura sobre a Oração de Hábacuc (cap. III. secc. 2.) ás palavras : *Cum iratus fueris, misericordiae recordaberis.*

Destas calamidades : Ao demonstrativo *τούτων* do Texto deve subentender-se *δαιμονῶν τυχῶν.*

Ora : O sentido destes dois Versos he , que , sendo tão varios e discrepantes os pareceres dos homens em toda a materia , fallando uns pela boca da verdade , outros pela da mentira , e todos em geral discordando segundo as disposições do seu coração , ninguem se deve acovardar , ou perder o fervor no exercicio da virtude , por ouvir as injúrias e menoscabos , com que muitos entregues a seus vicios a querem abater , e desacreditar ; e muito menos , persuadido falsamente do que elles dizem , se aparte do seu modo de viver recto , e verdadeiro , para seguir a bandeira de tão injustos avaliadores da virtude , resolvendo-se a

*Ora ouvem-se fazer entre os homens
muitos discursos, uns bons, outros máos:*

*Por cuja causa, nem te acovardes no
exercicio da virtude, nem te deixes acaço*

Apar-

practicar as infames e perversas maximas da sua doutrina. E tal he a intelligencia deste lugar, segundo varias Traducções Latinas, que por outras palavras vem a dizer o mesmo, que já nós explicámos nas Anotações, que fizemos, ao Capitulo XXIX do Manual de Epicteto. Agora veremos a de outros, e a do mesmo Hiérocles na seguinte Nota de Marcilio.

Por cuja causa: Parece-me que a lição deste lugar deve ser, não como se acha nos livros vulgares ὡς, mas antes Jonicamente ὡν em vez de οὐ, que vem a dizer *por tanto*. He pois este o sentido: Entrão pelos ouvidos aos homens muitos discursos bons, e máos. Pelo que importa que haja escolha, e cautela com elles, para que ou temeraria e inconsideradamente os não admiramos, ou aborreçamos. Por quanto admitiríamos desta maneira os enganosos por sinceros, e repudiariamos os verdadeiros por fingidos. E esta lição parece que seguiu Hiérocles, quando diz: μήτε οὖν πάντας παταρέχου· φησίν οἱ Πυθαγόρες· οὐα μὴ καὶ τοὺς Φευδεῖς· μήτε πάντας ἀπόσαλλε· οὐα μὴ καὶ τοὺς ἀλεθεῖς. *Por tanto nem approves todos os discursos*, diz Pythagoras, *para que não abraces também os falsos; nem os rejeites todos, para que não venhas a repudiar juntamente com elles os verdadeiros.* Marcilio.

Já se vê que segundo as regras da syntaxe Grega o relativo ὡν do nosso Texto posto em genitivo do plural fica regido de ἵπται, ou χάρην. Veja-se Labbe a pag. 259 da sua *Syntaxe Figurada*, que anda no fim do Tratado, que intitulou: *Regulae Accentuum et Spirituum Graecorum* da Edição de 1697, com Jacob

Εἰργεσθαι σαυτόν· ψευδος δ' οὐ πέρ
τι λέγηται,

Πρώτως ἴσχε· οὐ δέ τοι ἐρέω, ἐπὶ
ταντὶ τελείσθω·

κέ. Μηδεὶς μήτε λόγῳ σε παρείπῃ,
μήτε τι ἔργῳ,

Πρῆξαι, μηδὲ εἰπεῖν οὐ, τι τοι μὴ
βελτερὸν ἔστι.

Bou-

Gretser nas suas *Instituições da lingua Grega* L. II. c. 10. § 6.

Alguma falsa proposição: Ha uma diferença do discurso, que he ser honesto, ou torpe, da qual já se fallou: outra, que he ser verdadeiro, ou falso, a respeito da qual diferença o Autor dos presentes Versos acrescenta agora este preceito, ordenando que sejamos brandos em refutar as falsas proposições, não desejando altercação, nem contenda. A' cerca do que discorre largamente Horacio (L. I. Epist. 18. v. 15.) com galanteria:

Alter rixatur de lana saepe caprina.

Quer dizer: Outro, tendo a barba têsa aos mais, debate muitas vezes sobre lã de cabra, isto he, sobre o que não tem entidade. Marcilio.

Sobre a lição do verso assima veja-se Sanadon, e a respeito de não porfiar nas disputas confira-se a Vida de D. Fr. Bartholomeo dos Martyres por Fr. Luiz de Sousa L. V. c. 11.

Cumpre á risca: He a doutrina destes tres Versos, ainda que mui conceituosa, tão clara, que não necesita de explicação. A' vista della, nos occorre aqui ao pensamento a resoluta firmeza de São Paulo (*ad Rom. Cap. VIII. sec. 35.*) dizendo: *Quem haverá pois que*

*Apartar do teu modo de viver ;
mas se por ventura se proferir alguma
falsa proposição ,*

*Arma-te de pacienza , usando com
todos de brandura. Cumpre á risca em
tudo e por tudo com a maxima que te
vou já inculcar :*

*Ninguem te arraste , nem por 25
palavra , nem por obra de modo algum ,*

*A fazer , ou dizer o que te não
he conveniente.*

Con-

*nos aparte do amor de Christo ? Será por ventura a tribu-
lação ? ou a angústia ? ou a fome ? ou a nudeza ? ou o pe-
rigo ? ou a perseguição ? ou a espada ? E mais abaixo :
Porque estou certo , que nem a morte , nem a vida , nem
Anjos , nem Principados , nem Virtudes , nem as coisas
presentes , nem as futuras , nem a fortaleza , nem a altu-
ra , nem o profundo , nem creatura alguma nos poderá
apartar da caridade ou amor de Deos , que está em Jesu
Christo nosso Senhor. Nesta valente resolução devem a-
companhar a Paulo todos os Christãos com um propo-
sito firme de nunca mais peccar , sem que nisto en-
contrem o Canon XVI do Concilio de Trento (*Sess.
VI de Justificat.*) mas porque somos obrigados , como
ordena e adverte o mesmo Concilio (*ibid. cap. 13.*)
a ter e pôr no auxilio de Deos uma firmíssima espe-
rança de perseverarmos até o fim em boas obras. Con-
fira-se a Traducçao de Marulo por Fr. Marcos de Lis-
boa a pag. 67. v. com o Auctor da *Alma Instruida*
*Tom. II. pag. 303.**

Βουλεύου δὲ πρὸ ἔργου , ὅπως μὴ
μωρὰ τελῆται .

Δειλοῦ τοι πρήσσειν τε λέγειν τὸ
ἀνόητα πρὸς ἀνδρὸς .

Αλλὰ τάδ' ἐκτελέειν , ἢ σε μὴ
μετέπειτ' ἀνηση .

λ'. Πρῆσσε δὲ μηδὲν τῶν μὴ πίσασαι .
αλλὰ διδάσκειν

"Οστα

Consulta : Desta sentença (que já nós allegámos nas Anotações ao Capítulo XXXIV do Manual de Epísteo pag. 92) usou não só Pythagoras , mas ainda outros Autores , que alli melino ficão apontados.

Ainda que as mais Edições que vimos , tragão πέλτας , σῖτο , φιατ ; com tudo seguimos a lição de Dacier τελῆται .

Por quanto : He proprio de homem desgraçado e miseravel obrar , e fallar sem consideração ; porque da falta desta se lhe origina o seu descredito , e a sua ruina. Confira-se Ovidio no IV Livro do Ponto Epist. XII. v. 47 , e 48 .

Mas tu : Recommenda o Autor destes Versos que só effeituemos , e ponhamos em execução aquellas coisas , que de nenhum modo nos possão causar a depois tristeza , e arrependimento por falta de consideração antecedente. O que se todos assim praticassem , não haveria tanto desconcerto , nem tantos remorsos de consciencia , e outros motivos de tribulação no mundo.

Os Jonicos , e Poetas em lugar do imperativo costumão valer-se do infinito , como aqui observámos em ἐκτελέειν ; mas sempre este infinito he determinado por algum dos verbos do modo finito θέλει , ἐπιθέλει , χειρί ,

Consulta e delibéra sempre antes de obrar, para que não chegues a pôr em execução algumas acções ineptas, e temerarias.

Por quanto he de homem estolidamente desgraçado não só obrar, senão tambem fallar sem tento, nem consideração.

Mas tu effeitúa sim antes coisas taes, que ao depois te não sirvão de tormento.

E não te mettas a fazer coisa alguma das que não sabes; mas aprende 30

Tu-

ou outros similhantes. Veja se Labbe tanto na *Syntaxe Figurada*, que já allegámos (pag. 258.), como nos seus *Dialectos da lingua Grega*, que andão juntos com o Tratado, que intitulou : *Græca Prosodia* da quinta Edição em 1671 pag. 23.

E não te mettas : Duas são as coisas, que se nos intimão nestes dois Versos: uma he, que reconheçamos a propria ignorancia, para reprimir a temeridade causada pela presumpção de muitas vezes intentarmos fazer até o que não sabemos: outra, que aprendamos o que nos importa saber, para bem cumprir com as obrigações do nosso estado e ministerio, e passar uma vida, quanto ao bem d'alma, e do corpo, tranquilla o mais que for possível, e bemaventurada. Neste lugar aponta judiciosamente Marcilio entre outras auctoridades o adagio dos Gregos, que traz Cicerio (*Tuscul. Quæst. L. I. c. 18.*) *Quam quisque norit artem, in hac se exerceat.* He um senario Jambico, e vein a di-

"Οσσα χρεών, καὶ τερπνότατου
βίου ὡδε διάξεις.

Οὐδ' ὑγιεῖς τῆς περὶ σῶμα ἀμέ-
λειαν ἔχειν χρή.

Αλλὰ ποτοῦ τε μέτρου, καὶ σί-
του, γυμνασίων τε

Ποιεῖσθαι. μέτρου δὲ λέγω τόδι,
ὅ μή σ' αἰνήσῃ.

Δέ. Εἰδίζου δὲ διαιταν ἔχειν καθάρειον,
ἀθρυπήον.

Kai

zer : *Cada um se exercite na Arte, que tiver aprendido* (ou já souber). Vejão-se os Adagiógrafos com o Autor d' Alma Instruida Tom. III. pag. 865.

Nem he iusto : Não disse simplesmente da saude, mas com o adjuncto quanto ao pensamento do corpo : como quem depois de ter fallado ácerca da saude d'alma, dá agora esta regra e preceito sobre a saude do corpo. E verdadeiramente ha duas saudes, convem a saber, d'alma, e do corpo, como se acha em Seneca: *Roga*, inquit, *bonam mentem, bonam valetudinem animi, deinde corporis*. Vem a dizer : Pede a Deos (taes são as suas palavras na Epist. X.) uma boa mente, uma boa saude d'alma, depois do corpo. Marcilio.

Mas importa : Vejão-se a este respeito, álem de Cicero (L. XVI. Epist. 18.) os Rivaes de Platão dados á luz e traduzidos pela nossa industria desde pag. 15 até 19.

Dou pois o nome de mediania : Não só esta mediania se toma aqui por aquella, que livra o homem de cahir no excesso da gula, e bebedice, que naturalmente o molesta e afflige; mas ainda em geral se es-

*Tudo quanto cumpre saber, e des-
te modo passarás uma vida mui alegre,
e deleitosa.*

*Nem be justo, quanto ao penso do
corpo, haver descuido na conservação da
saude delle;*

*Mas importa guardar uma justa
medianía tanto no beber, como no co-
mer, e nos exercicios.*

*Dou pois o nome de medianía a
tudo aquillo, que te não causar moles-
tia, nem afflícção.*

*Costuma-te por isso a ter um tra- 35
tamento aceado sim e decente, mas sem
delicadeza nem luxo.*

E

tende a prohibir, e atalhar os efeitos da sobredita demazia, que são, por exemplo, a preguiça, a celeria, a lascivia; e a prescrever uns certos limites em todas as mais coisas, ou uteis, ou necessarias á vida, para que nenhuma dellas possa dar a través com a nossa felicidade, como se vai já expôr nos Versos seguintes.

Costuma-te por isso: Como não só no beber e comer (para não omittirmos aqui a advertencia de Hié-roclés ao lugar assima, fez o Poeta menção primeiro do beber, que do comer, porque he mais facil cahir no excesso pela bebida, que pela comida) se podem quebrantar as leis da moderação; mas ainda em todas as mais coisas necessarias, ou proveitosas, e convenientes ao homem; por isso recommenda agora aqui o

*Kai πεφύλαξό γε ταῦτα ποιεῖν, ὅπόσα
φθόνον ἴσχει.*

*Mή δαπανᾶν παρὰ καιρὸν, ὅποια κα-
λῶν αἰδαίμων.*

*Μήδ' ἀνελευθερος ἴσθι. μέτρον δὲ πε-
τῶσιν ἄριστον.*

*Πρῆσσε δέ ταυτὸν σε μὴ βλάψῃ,
λόγιστας δὲ πρὸς ἔργου.*

Mηδ'

Auctor destes Versos que em todo o tratamento das pessoas haja uma prudente, justa, e acertada media-nia.

Accado: *Καθάρειον* o *accio*, ou *limpeza*, e *ἀθεργός* a *decencia singela*, e *sem fasto*, he o meio : *τευφεῖον*, e *ἡνπαρεῖον*, isto he, as *delicias*, ou *regalo*, e o *desaccio*, ou *espurcicia*, vem a ser os dois extremos que Horacio (L. I. Satir. 2. v. 27.) toca, reprehendendo por estas palavras :

*Pastillos Rufillus slet, Gargoniis hircum;
Nil medianum est.*

Quer dizer : *Rufillo cheira a pastilhas, Gargonio a bô-
dam: não ha meio entre elles.* Marcilio.

Sobre a lição de *Gargoniis*, e não *Gorgonius* do verso assima de Horacio (o qual he tambem o nonagesimo segundo da Satira IV do mesmo Livro I.) veja-se Sanadon, e a respeito do mais confira-se igualmente Seneca Epist. LXXXVI, que principia : *In
ipsa . . .*

*E guarda-te: O homem, que em tudo observa o
preceito da mediania, que no Verso antecedente fi-
cou recommendada, tira por fructo não incorrer no
odio, reprehensão, ou vituperio dos mais homens
(que isso quer tambem dizer no Grego a palavra*

E guarda-te muito de fazer qualquer daquellas acções, que trazem consigo a reprehensão e vituperio de todos os homens.

Não faças gastos fóra de tempo, como quem está muito alheio do decóro;

Nem tão pouco sejas mesquinho. Por onde a medianía em todas as coisas he optima.

Affim que faze só aquellas coisas, que te não prejudicarem, e considera-as bem, antes de as pôres por obra.

Nem

*φθόνος, e a cada passo no Latium *invidia*), porque ninguem poderá nelle reprehender com verdade aquelles viciosos extremos, que tanto desacreditão, e arruinão os mortaes, por deixarem de practicar a virtude, que está no meio. Veja-se Hiérocles.*

Não faças gastos : Recommenda o Auctor nestes dois Versos que fujamos da prodigalidade, e da avarice, ou mesquinhez, e que abracemos o meio destes vicios, que he a liberalidade, inculcando assim em geral o decóro, e a moderação em tudo.

O verbo *διπάρειν* tem não a simples significação de *fazer gastos* ou *despezas*: mas de *esplendidamente viver*; e a de *estragar e dilapidar a fanenda, o cabedal, ou patrimonio*. Leia-se Suidas. *Marcilio*.

Affim que : He este preceito, como diz Hiérocles, uma recapitulação ou summario da doutrina inculcada já nos Versos 25, 26, 29, e 34, recommendingo aqui em geral seu Auctor que nos abstehnamos de tudo o que nos pôde causar ruina, e que sómente obremos tudo quanto nos pôde servir de proveito.

μί. Μηδ' ὑπνον μαλακοῖσιν ἐπ' ὄμιλοις
προσδέξασθαι,

Πρὸιν

Nem dès entrada : Como Pythagoras mandava ter conta principalmente com dois tempos , com o da manhã ao levantar da cama , e com o da noite ao recolher , para cuidar e reflektir cada um nas coisas que devia de fazer , e nas que tinha feito , segundo escreve Porfyrio na Vida do mesmo Pythagoras ; fundado neste costume he de parecer Dacier nas suas Notas aos Commentarios de Hiéroclés , que se devem repôr no Texto , e collocar antes do Verso quadragesimo os dois seguintes , que traz o sobredito Porfyrio , em que se recommenda o tal cuidado e exercicio do tempo matutino :

Πρῶτα μὲν ἐξ ὑπνοιο μελίφοροις ἐξυπάντας
Εὖ μάλα ποιῶντες ὅστις ἐν ἡμέρᾳ ἔργα τελέσσεις.

*E primeiro que tudo , assim que despertares do doce sono ,
Com muita circumspecção estende logo o pensamento a
quantas acções deves fazer no discurso do dia.*

Nós porém , ainda que nesta parte seguimos o voto de Dacier ; todavia contentámo-nos sómente com apontar na presente Nota os mencionados dois Versos ; uma , pelos não acharmos insertos em Edição alguma das que vimos ; outra , porque tanto monta ao Leitor achálos ou aqui lançados , ou no Texto em seu , ainda que proprio , lugar restituídos .

Ora a razão , porque dissemos que Pythagoras mandava ter conta principalmente com os sobreditos dois tempos , he , porque tambem (segundo escreve Laercio na Vida do mesmo Filosofo) recomendava a seus discípulos o mencionado exame , quando chegassem a casa , lembrando-se logo do Verso : Πὴ παρεῖνει : cet . Em que materia transgredi : cet . por quanto bem se deixa ver que o tempo , de que faz menção Laercio (ibid) no qual εἰς τὸν οἶκον εἰσιόντες , entravão em casa , he dif-

*Nem des entrada ao sono em teus 40
languidos e cansados olhos,*

F Se-

ferente do em que falla Porfyrio (na Vida de Pythagoras) no qual εἰς ὑπνον τρέποντο, se recolhão a dormir. Quanto mais, que além de São Jeronymo, que também (Apolog. adv. Rosinum L. III. pag. 469 do Tomo IV. da edição Benedictina) disse: *Duorumque temporum maxime habendam curam, mane & vespere, id est, eorum quae acturi sumus, & eorum quae gesserimus:* dá expressamente a entender esta diferença de tempos o mesmo Porfyrio (ibid.) pelas seguintes palavras: δύο τε μάλιστα καιροὺς προγνωνύματα εἰς φορτίδι θεοῖς. Mandava ter conta e cuidado principalmente com estes dois tempos. Logo, dizendo principalmente, denota que para o tal exame, ainda que não fosse com tanta diligencia feito, havia ao menos outro tempo; e este era o de que fallámos, quando vinham de fora, e se recolhião a sua casa.

E não sómente ordenava Pythagoras a seus discípulos fazer antes de se levantarem este exame do que havião de obrar naquelle dia, premeditando, e logo prevenindo os obstáculos, que podião atravesse de permeio ás suas candidas intenções; mas ainda lho inculcava para exercicio da memoria (que era um dos fins que se propunha neste seu aviso, além do da experientia das coisas, que por este modo se adquiria, e do da emenda e reformação da vida) querendo que se recordassem por sua ordem de tudo quanto havião dito, ouvido, e feito de pela manhã até á noite no dia antecedente; e que se tivessem mais vagar, inquirissem de si mesmos, trazendo-as á lembrança, todas as accões por elles praticadas dois ou tres dias antes, e ainda de tempo mais atrasado, tudo pelos fins, que dissemos.

Do que fica estabelecido podemos colligir que as

Πρὸν τῶν ἡμερινῶν ἔργων λογίσασθαι
ἔκπασον.

P. 7

palavras . . . *orto que a vespere cuncta revolvens*, do penultimo verso do Idyllo de Ausonio, intitulado: *Homen de Bem*, que o Leitor achará no fim deste Opusculo, também por nós traduzido, naturalmente admittem, álem do sentido que alli lhes damos, a seguinte intelligencia: . . . e revolvendo-as (isto he, as palavras, e obras) juntas no pensamento desde que *nascet a estrella da tarde* . . . Ou mais claro . . . e tendo presentes na lembrança quantas até aquella hora revolveo no pensamento desde que *chegou a casa, nascida já a estrella da tarde* . . . Quer dizer o Poeta que o homem de bem desde que se recolhe a sua casa á noitezinha, ou noitinha, ou á boca da noite, como vulgarmente dizemos, entra a estender o pensamento de quando em quando ao que obrou naquelle dia, para lhe lembrarem as coisas melhor, quando se for recolher a dormir, que he o tempo, em que mais de espaço faz então o seu exame. Por quanto depois do tempo, em que apparecia a estrella da tarde, seguia-se o a que chamavão *crepusculum*, em Portuguez *lusco-fusco da noite*, em que só se divisão uns vislumbres dos objectos; e depois deste tempo outro, que no seculo de Censório, como elle mesmo affirma (*de Die Natali* cap. 24.) se declarava pelas palavras *luminibus accensis*, e em Latinidade mais antiga (veja-se Gellio L. XVIII. c. 1.) *prima face*, que vem a corresponder á expressão Portugueza: *Sendo já candéas*, ou *luzes acexas*; ou tambem: *Sendo já noite fechada*, que Nepote (na Vida de Hannibal cap. V. secç. 2.) explicou por *obducta nocte* (estivesse nublado, ou não); passados os quaes tempos, chegava então finalmente o chamado *conciarium*, isto he, *tempo de cada um se recolher a tomar o primeiro sono da noite*.

Senão depois de examinares a consciencia, discorrendo por cada uma das acções daquelle dia:

F ii

Em

Muitos dos Antigos practicáron este documento, e entre elles Sextio, de quem falla Seneca (L. III. de Ira c. 36.) pelas seguintes palavras: *Faciebat hoc Sextius, ut consummato die, cum se ad nocturnam quietem recepisset, interrogaret animum suum: Quod hodie malum tuum sanasti? cui vitio oblitisti? qua parte melior es?* Vem a dizer: *Sextio, acabado o dia, tendo-se recolhido a tomar o descanso nocturno, estava posto no costume de fazer estes interrogatorios á sua alma: Que mal teu curaste hoje? A que vicio resististe? Em que sentido melhoraste?* Veja-se o que o mesmo Seneca vai dizerão por diante a respeito do fructo do exame de consciencia, que tudo he admiravel; e confira-se, também ácerca do referido exame, São Gregorio Nazianzeno, a pag. 10 dos seus Versos Inéditos, que andão no livro intitulado: *Jacobi Tollii Insignia Linerarli Italici em Utroch no anno de 1696 4. com Horacio na Satira IV. do livro I. v. 133. e Cicero de Senectute cap. 11.*

Senão depois: Tres são as lições, que se achão, do presente Verso. A primeira he a do nosso Texto, a qual traz Hiérocles, e segue Dacier: a segunda vem a ser a de Arriano (L. III. c. 10) por estas palavras:

Περὶ τῶν ἡμερῶν ἔργων τρεῖς ἵνατος ἴστελθεῖν.

A terceira, que se encontra na maior parte das Edições, e em Porfyrio, he a seguinte:

Περὶ τῶν ἡμερῶν ἔργων τρεῖς ἵνατος ἴστελθεῖν.

Destas lições a segunda quer dizer o mesmo que a primeira, com uma levíssima diferença, que bem podem observar os que sabem o Grego. Só a terceira differe mais, e diz assim: *Senão depois de examinares tres vezes a consciencia, discorrendo por cada uma das acções*

Πή ωρέην ; τί δ' ἐρεζα ; τί μοι δεον
οὐκ ἐτελέσθη ;

A-

daquelle dia. Nós entre todas seguimos a lição de Hiéroclés , por assentarmos que , sendo elle um exacto Commentador dos presentes Versos , naturalmente havia de preferir a que passava no seu tempo , que era no quarto , ou quinto século , por verdadeira e genuina.

Dacier não segue a terceira , que manda examinar tres vezes á noite a consciencia , por ver , que , se esta fôra a verdadeira lição , de nenhum modo se esqueceria Hiéroclés de fallar sobre isto nos seus Commentarios. Mas pôde-se responder contra Dacier , que aquelle adverbio *τρεῖς* , *tres vezes* , não significa alli numero , mas perfeição , como se dissera : *Senão depois de examinares muito bem* (isto he , com perfeito , completo , e diligente cuidado) *a consciencia* , *discorrendo* , cet. vindo aquelle exame a ser então uma , e não tres vezes , como litteralmente suppõe e entende o mesmo Dacier , pois diz que era escusado fazêlo tres vezes , quando bastava uma. E no tocante a ser o terñario numero de perfeição por incluir em si principio , meio , e fim , vejão-se os Auctores allegados por la Cerdá na sua Nota ás palavras *numero Deus impare gaudet* do verso 73 da VIII. Ecloga de Virgilio : como tambem a respeito de poder significar não só numero , mas ainda ardor e vehemencia , veja-se o mesmo la Cerdá , explicando o verso 421 do III. livro da Eneida pag. 336.

Outra intelligencia nos ocorre ainda , que he , referir o adverbio *τρεῖς* , *tres vezes* , aos tres pontos principaes do exame , que o Auctor manda fazer no Verso seguinte , neste sentido : *Senão depois de examinares a consciencia* , *discorrendo por cada uma das acções daquelle dia* , *reduzindo-as a tres pontos principaes* : *Em que matéria transgredi* : cet.

Em que materia transgredi? E que fiz eu? Que obrigação indispensável deixou de ser por mim cumprida?

E

A'lem de que , a feliz traducçao , que Ausonio fez deste Verso , de que se trata , he como se segue :

Omnia quam longi reputaverit acta dici.

Logo de duas tuma : ou Ausonio seguiu a lição de *Teis* , ou não : se a seguio , comprehendeo não só a força de *énas* , ou *írusa* dos Textos de Hiérocles , e de Arriano : mas ainda o valor , que demos ao dito adverbio ; no adjéctivo *omnia* , porque para se fazer um exame de todos os peccados sem escapar nenhum , se for possivel , he necessario que se faça com perfeito , completo , e diligente cuidado : e se a não seguiu , verteo este Verso , conformando-se com a lição de Hiérocles , que he a do nosso Texto : ou ainda mais á letra com a de Arriano , discípulo de Epicteto , nas quaes tal adverbio se não encontra .

Em que materia transgredi? Isto he , se grave , ou leve . Por quanto estas tres perguntas comprehendem os tres pontos principaes do exame : a primeira refere-se á gravidade da culpa , a segunda á especie , a terceira em sum claramente inquire os peccados de omissoão ; porque os de commissão pertencem ás duas primeiras .

E começando : Recomenda o Poeta que se faça o mencionado exame de todas as accões do dia , desse a primeira até á ultima por sua ordem , sem haver esquecimento das do meio : porque muitas vezes uma transposição engana o juizo , e faz , pela desordem da memoria , ter escusa o que certamente a não teria , se fora contemplado na serie das mesmas accões . Veja-se Hiérocles .

No caso : A'cerca dos efeitos da má , e boa con-

Αρχάμενος δ' ἀπὸ πρώτου, ἐπέ-
ξι. καὶ μετέπειται
Δειλὰ μὲν ἐκπρέπεις, ἐπιπλήσ-
σεο· χρησὶ δὲ, τέρπου.
μέ. Ταῦτα πόναι, ταῦτ' ἐκμελέται,
τούτων χρὴ ἐργαν σε.
Ταῦτα σε τῆς θείης ἀρετῆς εἰς
ἰχνια θήσει.

Nas

sciencia he dignissimo de se ler o Autor d'*Alma Instruida* Tom. III. pag. 931 e segg. onde trata igualmente da necessidade do exame de consciencia, desde pag. 946, ate 948; com o ultimo verso do Idyllo de Aufonio intitulado: *Homem de Bem*, o qual verso he a traducção deste, que tambem se acha allegado por São Clemente de Alexandria no cap. 10 do livro I. do seu *Pedagógo*.

N. B. Além da divisão geral e primaria destes Versos, que já nós deixámos apontada no Argumento delles, a qual he de Marcial, segue outra Hiéroclés mais específica, dizendo que no presente Verso acaba a primeira parte deste Opusculo, na qual se contém os preceitos da virtude política, ou prática, isto he, da vida activa: e daqui por diante as regras e maximas da contemplativa.

Nestas coisas trabalha: Como a alma, segundo a explicação de Hiéroclés, necessita da virtude prática, para se descasar dos afelhos terrenos, e da contemplativa, para se unir com Deos; motivo, porque o Poeta neste Opusculo entre as duas partes, de que se compõe, respectivas ao exercicio das tais virtudes, mettêo dois versos, que são como duas balizas, que as dividem: o primeiro, *Nestas coisas trabalha, nestas*

*E começando desde a primeira,
continua com o exame até á ultima de
tuas accções ; e depois*

*No caso que tenhas obrado mal ,
reprehende-te ; e se bem , regozija-te.*

*Nestas coisas trabalha , nestas me- 45
dita , nestas convem que empregues o teu
amor.*

*Todas ellas te sublimarão a di-
rigir teus passos pelos vestigios da vir-
tude Divina.*

Sim ,

medita , nestas convem que empregues o teu amor , he como o sim e a conclusão muito propria e natural da virtude politica : e o segundo , Todas ellas te sublimarão a dirigir teus passos pelos vestigios da virtude Divina , he como o principio , e uma bellissima entrada da sciencia contemplativa.

Todas ellas : Conforme a exposição antecedente de Hiérocles , parecerá talvez a alguém que fendo este Verso um princípio dos seguintes , o devíamos de traduzir assim : *Estas agora , que vou a dizer , te sublimarão ,* cet. Mas seria isto um grande erro : porque a intelligencia de Hiérocles unicamente se reduz a que o presente Verso he uma entrada da sciencia contemplativa , não porque os dictames , que se seguem até o fim , sejão os que só fação dirigir os passos de cada um pelos vestigios da virtude Divina ; mas porque já daqui promette os sazonados e saborosos fructos da virtude contemplativa. Funda-se esta nossa explicação na ordem que segue o Autor nestes seus preceitos , dando primeiramente os das virtudes , para nos ensinar

*Nαι μα τὸν ἀμετέρᾳ ψυχῇ πάραδόντα
τετρακούν,*

Pa-

que pela prática dellas , tão necessaria na vida , he que nos devemos remontar com agigantados progressos á similhança Divina. Veja-se Hiérocles no principio (ou *Introducção*) dos seus Commentarios a estes Versos de Pythagoras.

Pelos vestígios : Τίθεσθαι εἰς ἔχνα δειας ἀρετῆς , collocar nos vestígios da Divina virtude não he outra coisa mais do que ἐμοιῶσαι τῷ θεῷ , fazer simulhante a Deos. Ora o mais simulhante a Deos he o sabio , ou dotado de virtude. A respeito do que falla Platão (no Theeteto) e alguma coisa Galeno (em o Tratado sobre o conhecimento e cura das enfermidades d'alma) e outros muitos. Marcilio.

Sim , eu to affirmo : Jura aqui o Auctor destes Versos (não directamente por Deos , a quem representa neste lugar o Quaternario , como adiante se verá ; mas por quem tinha dado o conhecimento do mesmo Quaternario , que era Pythagoras) que a virtude humana , depois de completa e perfeitamente adquirida , nos exalta , e faz sublimar á similhança com Deos. De maneira que tão grande era o conceito , e autoridade de Pythagoras entre seus discípulos , que não só a razão que davão do seu dito , era affirmar : Elle o disse ; mas ainda , como vemos aqui , chegavão a jurar pela sua mesma pessoa. Todavia para cabal intelligencia daquelle affirmação : Elle o disse , veja-se o doutissimo Jesuita André Escóttio nos seus Adagios ou Proverbios dos Gregos , que nun volume de 4 sahirão impressos em Anvers no anno de 1612 pag. 377. e a respeito do mais he para inculcar a explicação de Hiérocles ao presente Verso de Pythagoras.

Que deo á noſſa alma : Παραδόνται ψυχὴν μαδντῶν em lugar de διδάσκων. Entregar aos entendimentos dos disci-

Sim, eu to affirmo e juro por aquelle, que deo á noffa alma o conhecimento do Quaternario,

Fon-

pulos, em vez de ensinar. Por quanto nenhuma outra coisa he ensinar, senão entregar ao entendimento; e aprender não he mais que receber no entendimento.

Marcilio.

Quaternario : Sobre a intelligencia desta palavra são as opiniões ainda em maior numero que os Autores. Plutarco apontando (L. I. c. 3 sobre as Opiniões dos Filosofos) a doutrina de Pythagoras ácerca dos Princípios das coisas, diz que fazião os Pythagóricos este juramento, porque, sendo, como seu Mestre Pythagoras ensinava, o denario toda a natureza do numero, visto depois de dez tornar-se á unidade, se continha o valor do mesmo denario no quaternario. Por quanto, ajuntando-se todos os numeros até quatro, sahirá a somma de dez pelo modo, que tão claramente aqui vemos. De maneira que vem assim todo o numero a conter-se quanto ás unidades no denario, e quanto ao valor no quaternario.

1
2
3
4
—
10

O mesmo Plutarco (*ibid.*) acrescenta logo outra causa do sobredito juramento, e he, porque o Quaternario parece ser numero da alma humana; pois tem entendimento, sciencia, opinião, e sentimento, faculdades de julgar, segundo Hiérocles, ou instrumentos, como lhes chama Aristóteles, que por sua ordem correspondem aos numeros um, dois, tres, quatro. Porém, declarando o mencionado Escritor as razões, que nelle se podem ver, desta correspondencia entre os numeros, e aquellas faculdades d' alma, só o sentimento não tem numero, que lhe corresponda: motivo, porque álem do Padre Eduardo, ou Duarte

Παγὰν ἀεράου φύσεως. ἀλλ' ἐρχεται επί^τ
ἔργον,

Θε-

Corsini , que também assenta estar o Texto viciado , e mutilado , tem para si Theodóro Marcilio haver nelle uma falta , em cujo lugar tinha declarado Plutarco de que maneira correspondia o sentimento aos quatro : e elle mesmo , deixando outra sua conjectura , o explica , dizendo , que podia ter razão de congruencia o quaternario com a faculdade de sentir , em que assim como no quaternario se contém a unidade , o numero binario , e ternario ; assim também se pôde dizer que o entendimento , a sciencia , e a opinião em certo modo se achão na faculdade de sentir , não de outra maneira que estão no seu principio as coisas , que emanão como da fonte do tal principio . A razão disto vem a ser , porque a alma do homem , quando este nasce , he uma taboa rasa , na qual , sendo apta para as suas operaçōes , pôde estampar-se e imprimir-se todo o conhecimento , de que naturalmente he capaz a sua esfera e comprehensão , o qual conhecimento deriva dos sentidos a sua origem , conforme o axioma vulgar dos Filosofos : *Nihil est in intellectu , quod non prius fuerit in sensu* ; ou , como nós devemos antes dizer em Latim de Cicero (L. I. de Finib. 64.) *Quidquid animo cernimus , id omne oritur a sensibus.*

Deixadas estas intelligencias , torna o allegado Plutarco (em o Tratado sobre a Creação d'Alma) a fallar no Quaternario , e , fazendo outra explicação mui diferente , diz que pelo nome de Quaternario se entende o numero XXXVI ; porque este numero contém em si os primeiros quatro numeros pares , e os primeiros quatro numeros impares . Ora os primeiros numeros pares são dois , quatro , seis , oito : os impares , ou nones vem a ser um , tres , cinco , sette . Portanto postas as duas ordens de numeros , uma dos pa-

*Fonte da successiva natureza. Mas põe
só mãos a esta grande obra,*

De-

res, outra dos ímpares, e ajuntando-se os de sima com os debaixo, virá o a fazer a somma de XXXVI, como aqui se vê:

$$\begin{array}{ccccccc} 1 & \} & 3 & \} & 7 & \} & 11 \\ 2 & \} & 4 & \} & 6 & \} & 8 \\ & & & & & & \} 15 \end{array}$$

De maneira que juntos os numeros 3. 7. 11. 15. vem a dar na mencionada somma de XXXVI.

$$\begin{array}{r} 7 \\ 11 \\ 15 \\ \hline \end{array}$$

36

E a isto he que o tantas vezes referido Plutarco chama (*ibid.*) *δαυπασδη*, *coisa admiravel*, ou *maravilhosa*, convem a saber, a collecção destes primeiros quatro numeros pares, e ímpares.

Quanto ao Quaternario valer dez, no Dialogo intitulado: *Leilão das Vidas*, moteja, segundo o seu costume, Luciano desta argucia de Pythagoras, como de ponto, que desponta de agudo; e no tocante a corresponder o mesmo numero ás faculdades d'alma, parece que seguiu só este parecer Alexandre ab Alexandre (*Genial. Dierum L. V. c. 10.*) porque fazendo menção dos Juramentos de varias Nações, diz assim do que fazião os Pythagoreos: *Pythagorei* (sc. jurabant) *per quaternionem: siquidem hunc numerum ad animae integratatem spectare dicunt: in his fuere mens, scientia, opinio, & sensus*. Mas, para que nos não demos com o que tambem dizem Próclo, Sexto Empírico, Athenágoras, Suidas, e outros, que ou seguem o mesmo que já fica dito, ou entendem o Quaternario pelos quatro elementos, e ainda pelo mesmo

Θεοῖσιν ἐπευξάμενος τελέσαι . τούτων
δὲ πραγήσας ,

Γνώ-

Deos : ou , sem embargo de fallarem nelle , deixão-no como d'antes indeciso ; para que nos não detenhamos , digo , com o que pouco , ou nada releva , explicaremos agora o Quaternario segundo a mais provavel e genuina intelligencia.

Como os Pythagóricos tinhão por costume representar a sua doutrina por numeros , e figuras Geométricas , referindo o estudo das sciencias Mathematicas ao uso de uma filosofia Mystica , e Symbólica , debaixo da qual involvião e occultavão muitos segredos da natureza , da Religião , e da Politica entre os homens . a respeito do que se pôde ver Plutarco em o Tratado da significação da cifra EI , Ta es , gravada sobre a porta do templo de Apollo em Delfos , e no de Isis , e Osiris , onde tambem repete que o numero a que chamavão Tetraérys , ou Quaternario , era o de trinta e seis ; attendendo pois a tudo isto , e assentando outrossim com Hiéroclés em como aqui o Quaternario denota o mesmo Deos , que tudo creou , dizemos que , tendo Pythagoras comunicado de perto os Hebreos , ou por delles o haver aprendido , ou porque lêo nos livros de Moises o principal Nome de Deos , יהוָה Iehouah , chamado por muitos τετραγράμματος , τετράτον , καὶ ἀνηφόρων , Tetragrámmaton , Inexplicavel , e Ineffável , advertindo que na lingua Hebréa constava de quatro letras , que são Iod , He , Ouau , He , o traduzio , e declarou na sua pelo Tetraérys , que he o Quaternario ; e depois , ensinando-o a seus discípulos , estes , como se abstinhaõ de nomear aos Deoses pelos proprios nomes , conforme diz Jâmblico (cap. 28 .) em final de veneração , querendo guardar tambem nisto respeito a seu Mestre , quando se vião obrigados a fazer algum juramento , não ha dúvida

Depois de teres pedido aos Deuses que te ajudem a levar ao fim o que vás empreender. Tendo-te já prevenido e corroborado com estes requisitos,

Co-

vida que juravão por Deos; mas indirectamente, muito ao longe, e por este rodeio (que assim se devem explicar os Autores, que só fazem menção de jura-rem os Pythagóricos pelo Quaternario, devendo antes com maior clareza dizer, que juravão por quem lhes tinha dado o conhecimento delle) affirmando ser verdade o que dizão, sem tomar na boca o Nome de Deos, nem proferir o de Pythagoras, que lho ensinára; mas fazendo simplesmente o seu juramento por aquelle, que lhes tinha dado o conhecimento do mysterioso Quaternario, pois com elle erão denotadas as quatro letras com que se escrevia o Nome do Senhor. E d'aqui se pôde colligir o motivo, porque ao menos no tempo de Santo Ambrosio, se dava ao dito juramento dos Pythagóricos o nome de *confissão Pythagórica*, pois entendão os daquelle idade que o costume dos discípulos de Pythagoras era mostrar deste modo na face de todo o mundo a sua gratidão, confessando, e reconhecendo quanto devião a seu Mestre, por lhes ter ensinado o Nome ineffável do verdadeiro Deos, e não, como querem os Monges Beneditinos da Congregação de São Mauro, explicando o lugar do mencionado Santo Padre (*De Abraham L. II. c. 11. secc. 80 pag. 407 do I. Tomo da Edição de Veneza em 1748*) os quaes dizem chamar-se confissão ao juramento, porque reconhecemos, e com elle confessámos estar em toda a parte presente a Divindade; quando esta razão he geral para todos os juramentos, e não específica do Pythagórico.

São deste parecer, além de outros, Dacier (na

γνώσην ἀδανάτων τε θεῶν, θυντῶν
τὸν ἀνθρώπων

Σύ-

Vida de Pythagoras, e nas suas *Notas sobre os Comentários de Hiéroclés*) Fr. João Pacheco (Divertimento Erudito pag. 366 do II. Tomo) e finalmente Fr. Heitor Pinto (na *Imagen da Vida Christã* pag. 566 da Edição de 4.) o qual, depois de ter fallado tambem na razão do numero, diz assim: *Outra coisa ha, que a mim me parece melhor, e de mais espirito, e mais adequada á razão, e he esta. Na lingua Hebréa tem Deos muitos Nomes, um dos quaes he o principal, que dizem que he ineffavel, o qual tem quatro letras. E querendo jurar pelo Deos, cujo nome tem quatro letras, juravão pelo numero Quaternario; porque tambem Pythagoras lêo pelos livros da Lei de Deos, donde tomou o bom e o principal de sua doutrina.* E tal he, como diziamos, a mais provavel e genuina intelligencia do Quaternario.

Fonte da successiva natureza: Deos na opinião dos Pythagóricos pôde ser chamado aqui *Fonte da successiva* (ou perenne, perdurável, eterna, e perpétua) natureza, em consequencia de ter Pythagoras definido aquelle Supremo Ente pelos termos, que já nós apontámos na *Prefação* deste Opusculo; e attendendo outrossim á eternidade do mundo pelo mesmo Filosofo estabelecida, como tambem alli deixámos declarado. Porém as sobreditas palavras, conforme a intelligencia que seguimos, não são mais que a explicação verdadeira e genuina do termo *Iehouah*, como Pythagoras a tinha aprendido dos Judeus, e como no-la conserva aqui o Auctor destes Versos; porque esta palavra *Iehouah* significa propriamente: *Fonte ou primeiro Princípio e Causa da existencia de todos os Entes.* D'outro modo: *O que sempre existio, existe, e ha de existir, e faz que tudo exista.* Veja-se a respeito do Nome de Deos ineffavel, entre outros muitos, o Cardial Bellarmino des-

*Conhecerás tanto dos Deoses im- 50
mortaes, como dos homens mortaes*

A

de pag. 221 até 223 do seu brevissimo Tratado, que se intitula : *Exercitatio Grammatica in Psalmum XXXIII secundam Hebreos XXXIII*, o qual anda no fim das *Instituições da lingua Hebraica* de João Quinqueborão Lutetiae 1621, com o *Etymológico* de Vossio no verbo *Jusso*.

Aqui devemos notar que a lição deste Verso, como a traz Plutarco (*sobre as Opiniões dos Filósofos* L. I. c. 3.) he como se segue :

Παγὰς ἀεράου φύσεως πέζωματ' ἔχοντας.

Fonte, que comprehende as raizes da successiva natureza. Onde a palavra *πέζωματα* raizes parece que vem a significar os quatro Elementos, como se pôde entender de uns versos de Empédocles, o qual em o mesmo Plutarco (*ibid.*) havendo de assignar o numero dos quatro principios das coisas, começou desta maneira :

Τέσσαρα τὰς πάντας πέζωματα πεῖτον ἄκρον.

Ouve primeiramente as quatro raizes de todas as coisas. Depois toma alli a Juppiter pelo Fogo, a Juno pelo Ar, a Pluto pela Terra, e a Nestis pela Agua.

Logo podemos colligir com Marcilio que algum discípulo de Pythagoras, o qual tambem publicou estes Versos, torcêo, e arrastou não só este, de que fallâmos, assim troncado e interpolado, mas ainda o Verso antecedente, ao seu sistema, e instituto.

Mas põe só mãos : Recommend a Author destes Versos que, para effectuar qualquer empresa, sollicite e implore cada um primeiro o socorro Divino, sem o qual absolutamente nada pôde obrar.

A jerarquia : *Σύνταξιν τῶν ὁλῶν* como expoz Hiérocles, isto he, a constituição (ou fábrica, distribuição, e ordem) de toda a natureza do Universo. Desta maneira disse Platão no *Timéo* *ἀβάσιν πότερον*. E

*Σύσασιν, ἢ τε ἔκαστα δίέρχεται, ἢ τε
κρατεῖται.*

Γνώ-

o Auctor (que se suppõe ser Aristóteles) do livro (melhor diffira Carta) sobre o Systema do Mundo a Alexandre (cap. 2.) se explicou, dizendo: Κόσμος ἐτ
αύτην cet.

Assim que promette Pythagoras que os que obedecerem a estes preceitos, hão de alcançar a sciencia de toda a natureza, isto he, das coisas Divinas, e humanas. Marcilio.

Até onde: Ή τε ἔκαστα δίέρχεται. Até onde cada uns dos mencionados Entes se estende. Quão largamente se estenda a força, e a natureza de cada coisa, como he indubitable ser de maior extensão a natureza do homem, que a de uma planta, ou de qualquer vivente irracional: por outras palavras, que o homem tem muito maior superioridade e excellencia comparado com aquellas coisas, que carecem de razão. O mesmo.

Mas ainda: Ή τε κρατεῖται. Até onde cada Ente he limitado, e excedido. Ou quanto a natureza de cada coisa se diffunda com extensão menor, que a de outra. Por exemplo, a natureza dos Deoses excede a humana, e no mesmo genero de Deoses ha aquelles tres graos, de que ao principio se fez menção, convém a saber, dos celestiaes, dos Heróes, e terrestres, ou Demonios. Assim que, por meio destes verbos δίέρχεσθαι, e κρατεῖσθαι, se exprime uma como descrição de toda a natureza debaixo para sima, e de sima para baixo. Mais claro: o verbo δίέρχεσθαι, que significa ir á ante, chegar ate sima, exprime como das naturezas mixtas ou imperfeitas se sobe ás plantas; das plantas aos viventes irrationaes; do genero dos viventes irrationaes aos homens; dos homens aos heróes; dos heróes aos Deoses superiores, ou celestiaes. Porém retrocedendo agora, e em contrapoligão

A jerarquia , até onde não só cada um dos mencionados Entes se estende , mas ainda até onde se limita.

G

Co-

deste , o verbo *κατισθαι* , cujo significado he , ser vencido com força superior vindia de cima para baixo , mostra que pelos Deoses celestiaes he sobrepujado o genero dos heróes ; pelos heróes os homens ; pelos homens os viventes irrationaes ; pelo genero dos viventes irrationaes as plantas ; pelas plantas as coisas imperfeitas . O mesmo .

Até onde : As substancias rationaes , eis-aqui o genero communum , que encerra todas as especies , os Deoses , os Anjos , os homens . A isto he que Pythagoras chama *οὐσίαν* , que comprehende a ordem , e o posto , que ellas occupão ἢ τε ἡκατα διέχεται , até onde cada uma delles se estende ; porque estas especies são diferentes : os Deoses de nenhum modo se confundem com os Anjos , nem os Anjos com os Deoses , ou com os homens ; nem finalmente os homens com os Anjos , ou com os Deoses : cada um destes Entes tem seus limites assinalados ἢ τε κατίσταται , o que os encerra , e os liga ; isto he , o que os reune , e o que faz destas especies diferentes um só , e o mesmo genero , e um só todo , de maneira que a ultima especie remonta-se á primeira pelo seu meio . Demorei-me em expôr este lugar de Pythagoras , e em confirmar e explicação , que lhe deo Hiéroclés , pelo ter explicado Salmatio muito mal na sua Prefação sobre a Versão Arabiga da Taboa de Cebes , *Dacier* .

Conhecerás tambem : O Poeta disse φύσις ὄμοιαν , natureza similar , em vez de ἀνάλογον , análoga , vindo a insinuar que , segundo a sua doutrina , toda a substancia corpórea desde o Ceo até a terra , estava honrada de uma analógica similitude com Deos . Por quanto , não só as naturezas imperfeitas se achão vin-

Γνώση δ', ἡ θέμις ἐστι, φύσις περὶ¹
ταντὸς ὁμοίου.

Οὐσέ σε μήτε ἀελπίζειν, μήτε
τι ληθεῖν.

Γνώση δ' ἀνθρώπους αὐθαιρετα τῆματα
ἔχοντας,

TΛΗ-

culadas com uma certa sociedade , e , por assim dizer , agnação das plantas ; mas também as plantas com a dos irrationaes , e os irrationaes com a dos homens , e os homens com a dos heróes , e os heróes com a dos Deoses celestiaes , como explica Marcialio sobre o presente lugar. Veja-se Hiérocles , e em Seneca (Epist. CXX . que principia : *Epistola tua per plures quaestiunculas* , cet.) uma bella explicação de que coisa seja *Analogia*.

Segundo a lei : Isto vem a dizer as palavras do Texto ἡ θέμις ἐστι. Ora , conhecer todas as coisas da natureza *segundo a lei do Deos supremo* , he aqui o mesmo , que chegar a conhecê-las conforme as precedências , e maior , ou menor analogia de cada uma ; e do modo que a lei da sua criação as estabeleceo , e entre si distinguio ; lei , de que já se fallou no principio , νόμῳ ὡς διάκυται. Veja-se Hiérocles , e Marcialio.

De maneira : A razão he , porque o homem , que mede todas as coisas pela condição e lei da natureza , este tal nem se deixa levar de alguma esperança vã , nem he enganado pela ignorancia das coisas deste mundo. Por exemplo , não espera que , depois de ser homem , possa fazer-se Deos , ou com azas subir ao Ceo , porque entende que nada disto pôde ser : nem cego pela inscienza e ignorancia toma , qual outro Ixion , que abraçou a nuvem cuidando que era Juno ,

Conhecerás tambem, segundo a lei do Deos supremo, ser em tudo análoga a natureza;

De maneira que nem tu virás a conceber esperança do que não he para esperar, nem para ti será incógnita coisa alguma deste mundo.

Conhecerás igualmente que os homens padecem os males, a que estão sujeitos, por sua propria escolha,

G ii

Def-

as coisas falsas por verdadeiras, os vicios por virtudes.
Marcilio.

Devemos neste lugar advertir que tendo Hiérocles apontado exemplos das coisas, que são, ou não, para esperar, um delles he, que todo o homem que espera, depois da sua morte, revestir-se do corpo de um bruto, ignora absolutamente a essencia d'alma, que nunca se muda; porque o homem só se diz que he Deos pela virtude. e bruto pelos vicios. D'aqui se vê que a metempscóse, transmigração, ou transpassação das almas de uns para outros corpos, não era mais que uma figura para dar a entender que o homem só se torna similhante aos brutos pelo vicio, ou a Deos pela virtude, ainda que não pôde ser nem uma coisa, nem outra por sua natureza. Mas o que parece não deixa dúvida de ser falsa a metempscóse tomada no sentido vulgar, he a decisiva assertão do Pythagórico Timéo de Locros no fim do seu *Tratado da Alma do Mundo*, que expressamente diz ser invenção para conter os homens dentro dos limites das suas obrigações, fazendo-os emendar com o terror de simi-

νέ. Τλήμονας, οὐ τὸ ἀγαθὸν πέλας
οὐτῶν οὐκ ἐσορῶσιν,

OUTE

lhantes dogmas. Vejão-se as Notas de Batteux ao referido lugar de Timéo.

Conhecerás igualmente: Veja se este Verso, e a explicaçāo delle por Chrysippo em Aulo Gellio, *Noct. Attic.* L. VI. c. 2. e confira-se Platão quasi no fim do L. X. da *Republica* pag. 330 do Volume VII. da edição Bipontina.

Desgraçados homens: Quer dizer o Poeta que o homem pela depravada corrupção da vida e dos costumes, e abuso da liberdade, não repara que lhe ficão á flor da terra, e muito á mão os maiores bens, que são neste mundo, como adverte Hiérocles, a *virtude* e a *verdade*; porque logo voluntariamente suffoca e atropella os nobres estímulos, as encobertas, ainda que não ateadas, chamas, os naturaes incitamentos, e fecundas fementes da virtude, a qual só o pôde fazer ditoso e bemaventurado, não tratando por si mesmo de buscar e adquirir os sobreditos bens, nem querendo dar ouvidos a quem lhos inculca, e annuncia.

Funda-se esta nossa intelligencia (que tambem he de Marcilio) em parecer que o Auctor com as palavras *nos bens que tem á mão*, allude ao que dizião os Filosofos, serem os bens innatos ao homem, e os males adventicios. A respeito do que, pôde ver-se, além de outros apontados pelo referido Marcilio, Ciceron no *Proemio* do III. livro das *Tusculanas*, e no I. das *Leis*.

Porém nós os Christãos, reconhecendo que o homem foi criado justo, como diz o Ecclesiastes (cap. VII. 30.) confessâmos igualmente com o sagrado Concilio de Trento (*Sess. V. Can. 1.*) que, depois da transgressão do preceito, perde-o logo Adão a fantidade e justiça em que fora criado, e com elle toda

Desgraçados homens, que não re- 55
parão nos bens, que tem á mão,

Nem

a sua descendencia (*ibid. Can. 2.*) vindo à mudar-se em peor estado quanto ao corpo , e alma , d' onde se originou a inclinação , que experimentão os homens , ao mal : porque em fim , *sensus enim & cogitatio humani cordis in malum prona sunt ab adolescentia sua* , profera o mesmo Deos no Génesis cap. VIII. sec. 21. Todavia costuma o Senhor , conforme os altos decretos da sua Providencia , dar a uns bom natural para a virtude , como de si diz Salomão , ou em seu nome outro Auctor , quem quer que he o do livro da Sabe-doria (cap. VIII. 19.) por estas palavras : *Puer autem eram ingeniosus, & sortitus sum animam bonam;* e a outros más inclinações , para lhes abater o desvanecimento que poderia nascer da resplandescencia das virtudes , de que são dotados ; e para lhes mostrar ao olho , e por experientia , a necessidade continua , que tem da sua Graça ; do que he bastante prova aquelle estímulo da carne , e espirito de Satanaz , que tão importunamente affrontava e persegua a São Paulo (Epist. II. ad Corinth. cap. XII. sec. 7.) para que a grandeza das revelações lhe não fizesse crear azas de vaidade , pavoneando-se e revendo-se nellas. Porém todas as tentações , com que o homem he assaltado e combatido , sempre são menos poderosas que as forças do tentado , como declara o mesmo Apostolo (Ad eosdem Epist. I. c. X. sec. 13.) por estas palavras : *Fidelis autem Deus est, qui non patietur vos tentari supra id quod potestis.*

Nem ouvidos: Confira-se Hesíodo no seu Poema intitulado : *Trabalhos e Dias* v. 294 e 295.

Livrarem-se: Entende aqui o Auctor destes Versos por *λόγων κατάνω, livramento dos males* , a meditação de morte , ou morte Filosofica , segundo bem adverte Marcilio , a qual morte explicaremos nós pelas mes-

Οὔτε κλύουσι· λύσιν δὲ κακῶν παῖς
συνίστασι.

Toin̄ μοίρα θροτῶν βλάπτει φένεις. οἱ
δὲ κυλίνδροις

A'λ-

mas palavras de Fr. Heitor Pinto (na *Imagem da Vida Christã* da Edição de 4 pag. 235) que são as seguintes : Quando o homem vive, não segundo a carne, mas segundo o espírito; e a alma, estando ainda no corpo, se aparta dele por pensamento. e se põe em alta contemplação, como que totalmente estivesse do corpo separada, vem a alcançar tão grandes coisas com o entendimento, que diz Aristoteles no decimo das Ethicas, que neste conhecimento e contemplação consiste principalmente a mais excelente bemaventurança, que se pôde nesta vida alcançar. E porque morrer, he apartar se a alma do corpo, e nesta contemplação está a alma separada dele, deixando os sentidos, e levantando-se no entendimento, alienada do exterior. que distrahe, e metida no interior, que une, posta no centro de si mesma, chamou Sócrates a isto meditação de morte, como se lhe chamara meditação de homem morto á carne, e ao mundo, e contemplação de uma alma desatada dos laços e prisões do corpo, que a impedem, e reduzida ás invisíveis das coisas visíveis. E esta disse que era a vida dos Filosofos. A respeito da morte Filosofica veja-se Platão no *Fédo*, e sobre elle o Commento rariSSIMO de M. Sebastiano Erizzo, discorrendo largamente sobre este ponto a pag. 133, e segg. da Edição de Veneza em 1574. Cicero (*Tuscul. Quæst. L. I. c. 30.*) Seneca (na *Epiſt. LXXXII.* que principia : *Desii jam de te esse sollicitus*) e finalmente Diet. Tiedemann a pag. 21 e segg. do Vol. XII da edição Bipontina, o qual comprehende os Argumentos de todos os Dialogos de Platão.

Ora o numero dos que tem o conhecimento deste

Nem ouvidos lhes querem dar; e assim poucos chegão a saber livrarem-se de seus males.

Tal he a sorte, que céga os entendimentos dos mortaes; que por isso elles á maneira de cylindros

Ro-

genero de morte he, como diz o Auctor, diminuto; porque mais são os que vivem segundo a carne, que segundo o espirito.

Já que veio aqui a tratar-se desta morte Filosofica, he necessário dizer tambem que Pythagoras prohibia a voluntaria, dizendo que por nenhum modo convinha que da guarida do corpo, sem licença do General, que era Deos, despedissem os homens a alma, que ao mesmo corpo fora dada para sua sentinella; sobre o que veja-se Cicero de Senectute cap. 20, e Macrobio in Somn. Scip. L. I. cap. 13.

Tal he a sorte: Tain poigæ. Tal he o fado, convem a faber, voluntariamente chamado, ou αὐδαίπετον. Por quanto vitupera o Auctor por este epísonéma todos aquelles, que depois de obrarem criminosa e impianamente, desculpão-se dizendo que Deos fôra o autor das suas maldades, como em Terencio (Eunuch. Act. V. Sc. II. v. 37.) aquelle moçosinho malvadíssimo, que tendo deshonrado uma donzella, profere esta blasfemia: Que remedio, se isto algum Deos assim no quiser? E em Plauto (Aulular. Act. IV. Sc. X. v. 7.) aquelle estupido e insensato em caso similhante, Deos me fai, diz, a causa impulsiva disto. Por onde Juppiter introduzido por Homero (Odyss. L. I. v. 32. e segg.) a fallar, se queixa de que elle seja accusado pelos homens, como se os carregára de todos os males, quando elles mesmos se embarcação e enredão nas molef-

*Ἄλλοτε πάντα φέρονται, ἀπείρονας
πήματ' ἔχοντες.*

AU-

tias e misérias da vida ; sobre o que he digno de ler Eustáthio ao referido lugar. *Marcilio.*

A maneira de cylindros : Ou o Auctor quer dizer que as alternativas ou mudanças da roda da fortuna , e calamidades da vida existem e perfistem no mundo pelos crimes , e erro dos homens imperitos , e transgressores das leis Divinas , ao mesmo tempo que os sábios e justos estão isentos das taes mudanças , do modo que já dissemos na explicação do Verso vigesimo ; ou antes vem a denotar as transmigrações , ou traspaçações das almas de uns para outros corpos (tambem no sentido figurativo que seguimos como genuino e verdadeiro nas Annotações ao Verso quinquagesimo terceiro) até ficarem de todo expiadas do contagio do corpo , e não terem mais que purgar : e esta segunda intelligencia he a que nós seguimos com Marcilio , que tambem a prefere á primeira , em razão de dizer adiante o Auctor no penultimo Verso : *E se depois de te veres já despojado do corpo , cet. palavras , que bem declarão ficarem as taes almas isentas de tornarem a informar novos corpos , e desobrigadas de virem por consequencia a padecer as misérias da vida , tendo-se-lhes acabado o a que Pythagoras chamava , como diz Laercio (na sua Vida) círculo da necessidade οὐδὲν ἄραγε , tudo em remuneração dos seus distintos merecimentos e heroicas virtudes , que havião practicado no mundo , como já dissemos no Verso segundo sobre a palavra Heróes , allegando a auctoridade de Servio.* A respeito da comparação dos homens , que abusão da sua liberdade , com o rodar dos cylindros , veja-se Cicero no seu livro de Fato , e Aulo Gellio no livro VI. c. 2 com Dacier nas suas Notas* aos Commentarios de Hiéroclés : e no tocante ao mais , que provámos , con-

Rodão de uns para outros vícios, par-decendo calamidades sem fim.

Por

fira-se a Eneida de Virgilio *cum Interpret. & Notis Caroli Rueei* L. VI. v. 748.

Quanto á lição do nosso Texto, que he a de todas as Edições que viuas, deve subentender-se ao dativo *καλινδροῖς* o adjectivo *ὅψιοις*, vindo a dizer á letra *similhantes a cylindros*; e lendo-se, como quer Dacier, *καλινδροῖς* em nominativo do plural, suprir-se-ha igualmente por ellipse *οῖς*, *ώς*, *ώσει*, ou outra particula de similihança, para se poder traduzir *como cylindros*.

Por occasião de fallarmos nas mudanças da roda da Fortuna, que nós chamaremos Providência, incumbe-nos advertir ao Leitor que Virgilio (*Aeneid.* L. I. v. 13.) com a frase *volvere casus* tambem alludio á viva roda de trabalhos, em que a Fortuna trouxe ao seu Heróe. As palavras do Poeta são as seguintes:

*Musa, mihi causas memora: quo numine laeso,
Quidve dolent regina Deum, tot volvere casus
Insignem pietate virum, tot adire labores
Impulerit. Tantaene animis caelestibus irae!*

Quer dizer: Inspira-me, ó Calliope, as causas de tão re-concentrada indignação; por offensa de que Divindade; ou de que agravo estimulada, foi a mesma Rainha dos Deoses motora de que este Varão de notavel piedade andasse numa roda viva tantas vezes a braços com a sua fortuna, e pareesse a prão a tantos trabalhos. Por ventura tão grande he a colera, de que abafão os Deoses Celestiaes, como quem, se continuasse, disserra, que até contra um Heróe piedoso dejaffogão a sua vingança!

Aqui devemos observar que entre as frases Portuguezas, que de algum modo podem corresponder á Latina *volvere casus*, não ha outra de maior propriedade, nem, a meu ver, mais conforme, ajustada, e energica do que a de *Andar a braços com a fortuna*,

Λυγρὴ γὰρ συνοπαδὸς ἔρις Βλά-
πτουσα λέληθεν
ξ. Σύμφυτος, ἦν οὐ δεῖ προσάγειν,
εἴκοντα δὲ φεύγειν.

Zeū

que he de Vieira no Tomo XV, e de *Vozes Saudosas* Tomo II, impresso no anno de 1748 pag. 214, col. 2. Sousa na Vida de D. Fr. Bartholoméo (L. I. c. 2.) tambem usou da frase: *Ver-se com os trabalhos a braços.*

Rodão de uns para outros vicios: E por consequencia de umas para outras misérias e fatalidades. Marcial explica: Rodão para uns e outros corpos; mas tudo vem a dar no mesmo sentido. Veja-se Hiéroclés.

Calamidades sem fim: Αἰτίονται ἀνεψιοὶ πίγαροι. Males que nunca se acabão; pois he certo que ignorão τὸν ταῦτα o livramento dos taes males. Por quanto aquelles, por quem o mencionado livramento he conhecido, quero dizer, os sabios, não padecem males sempiternos, mas sim fazem dos corpos a sua mudança, vendo á pura Região do ethereo assento. A respeito do que, abaixo se fallará no Verso penultimo: *E se depois de te veres.* cet. Marcial.

Combate: Falla o Poeta da luta do appetite e da razão, ácerca da qual trata São Paulo (*ad Roman.* cap. VII. léc. 23.) cuja doutrina só com o lume da razão conhecêrão os melmos Gentios, como Ovidio (*Metamorphos.* L. VII. v. 19.) e tambem (*Amor.* L. II. *Eleg.* IV. v. 5.) Seneca (*Hippolyt.* Act. I. Sc. II. v. 177.) e finalmente Terencio (*Eunuch.* Act. I. Sc. I. v. 25. & *Phormion.* Act. V. Sc. VII. v. 57.) com os Filosofos Moraes.

Com todos nasce: Porque o tal combate de todo ponto se acha insito ás almas pela natureza. Tal he o sentimento de Pythagoras e Platão. Deve ler-se Plo-

Por quanto aquelle pernicioso combate , que a todos acompanha , e com todos nasce , he o mesmo , que , sem elles por iſſo attentarem , os traz infatuosos e perdidos ;

Combate , que não convem atigar , mas sim cada um fugir delle , cedendo á razão . 60

De

tino , e Virgilio (AEneid. L. VI. v. 730.) Mas he questão se por ventura esta contenda nasce d' alma , ou do corpo. Os Autores profanos julgão que ella se origina do corpo : os Christãos que procede d' alma. He digno de se ler a este respeito Santo Agostinho de Civit. Dei L. XIV. c. 3. Marcilio.

Sem elles por iſſo attentarem : Porque sem darmos fé dellas , em nós se vem intinuar como solapadamente , e a furto da razão as perturbações , ou paixões. *O mesmo.*

Atiçar : Diz o Auñor que se ha de fugir daquelle combate cedendo , convem a saber , á razão : de tal sorte que esta governe , o appetite obedeça , como se acha em Cicero (de Offic. L. I. c. 28.) ita ut ratio praeſit , appetitus obtemperet. Já se vê que atiça , ou ῥιζοτάγεις atéa aquelle combate a titillação dos sentidos. *O mesmo.*

De quansos males : O sentido destes dois Versos he , que se Juppiter desse aos homens um conhecimento claro da sua alma , isto he , das faculdades proprias , de que he dotada , por certo que os livraria do enredo de tantas maldades , em que no mundo andão metidos : porque então conhcerião a liberdade d' alma , por meio da qual ajudados com o socorro Divino , que sempre se deve presuppor , evitarião o mal , e

Zεῦ πάτερ, ἡ πολλῶν γε κακῶν λύ-
σεις ἀποντας,
H'ν ωστιν δεῖξαις οἴω τῷ δαίμονι
χρῶνται.

A'λλα σὺ Θάρσει, ἐπεὶ θεῖον γένος
ἔστι Βροτοῖσιν,

Οἰς

abraçarião o bem. Veja-se a este respeito David no Salmo CXVIII. v. 19 e São Paulo *ad Roman.* cap. I. sec. 28. com as Anotações que fizemos aos Rivaes de Platão pag. 44 e 45.

Juppiter: Neste lugar falla o Auctor com Juppiter em razão de dar o ser e a vida a todas as coisas; e entes criados. Veja-se, álem de Hiérocles, Platão no *Crátylo* a pag. 255 do Volume III da Edição de Duas Pontes.

Demonio: Como os Pythagóricos ensinavão que tinha cada homem um Demonio, um Anjo para sua guarda, e que o havia elle mesmo escolhido; poder-se-hia entender que neste lugar as palavras, *de que Demonio elles se servem*, querião dizer qual he o Demonio que elles tem escolhido para sua guia, e seu conductor. Mas Hiérocles se aparta deste sentimento, e com razão. Podia conhecer qualquer este conductor, sem com tudo ficar por isso livre de seus males; ao mesmo tempo que não pôde conhecer-se a propria alma, sem chegar a este livramento; por quanto conhecer cada um a sua alma, he conhecer que Deos a creou livre, que todos os bens lhe pôz diante, e que da mesma depende lançar mão delles, seguindo as inspirações de Deos. *Dacier*.

A respeito da precedente Nota nos incumbe advertir ao Leitor menos instruido que, a não presuporem e involverem primeiramente da parte de Deos

*De quantos males por certo livrarias,
ó Juppiter, Pai Soberano, a todos os homens,*

*No caso que a todos fizesses conhecer
de que Demonio elles se servem!*

*Tu porém cobra grande animo , visto
ser Divina a prosapia dos mortaes ,*

A

o auxilio e suas inspirações (como logo abaixo declara o mesmo Dacier) e da parte do homem a cooperação effectiva com a Graça preveniente ; serião não só absurdas , mas hereticas (tomadas por si só) as palavras : *Não pôde conhecer-se a propria alma , sem chegar a este livramento :* pois he dogma de Fé que a Graça , por efficaz que seja , nenhuma violencia imprime na liberdade do homem , o qual pôde resistir á mesma Graça preveniente , conhecendo que Deos o poz nas mãos do seu alvedrio para cooperar com ella , e por consequencia livrar-se do mal , e abraçar o bem . Veja-se , álem dos Canones do Concilio segundo Arausícano , a decisão do Tridentino *Sess. VI.* Can. 4 com os Theologos Escolásticos .

Tu porém : Por quanto , ainda que he mui dificultoso a cada um alcançar o conhecimento da sua alma , todavia , porque os homens (na errada doutrina dos Pythagóricos , e outros Ethnicois) tem um como parentesco e agnação com os Deoses ; a natureza Divina , por assim dizer , os leva pela mão ao tal conhecimento de si mesmos . Ora o conhecimento , que tem cada um da sua alma ensina Platão ser uma coisa mui árdua , quando (no I. *Alcibiades* da edição Bipontina , ou de Duas Pontes a pag. 57 do Volume V.) confessa que he *παγκάλεπον* mui difficultoso ao homem o conhecer-se a si mesmo . Marcilio .

Oīs īerōs προφέρουσα φύσις δείκνυ-
σιν ἔκαστα.

ξέ. Ων εἰ σοὶ τι μέτεσι, κρατήσεις
ῶσε κελεύω,

Εὔπειρος, ψυχὴν δὲ πόνων ἀπὸ^{τῶνδε σαώσεις.}

A'λλ'

Visto ser Divina: He dogma de Pythagoras, que se acha em Laercio: Αὐθέωπων εἶναι πέρι θεοὺς συγγενεῖς, o qual vem a dizer, como se explica Marco Ciceron (de Leg. L. I.) homines Deorum agnitione ac gente teneri; em Portuguez: Que os homens tem um vínculo com os Deoses por agnação e descendencia. O mesmo.

A sagrada Natureza: Tò θεῶν, o Supremo Arbitro do Universo, ou θεὸς, Deos, de quem mana toda a sciencia das coisas louvaveis. Ainda que Hiérocles por iugà φύσις quiz que se entendesse a Filosofia, ou Sabe-doria. Porém elle mesmo pouco depois discordando da sua intelligencia, concorda com a nossa. Ora péjo tenho eu de continuar a fazer menção das erradas exposições de outros. *O mesmo*.

Parece que iugà φύσις no presente Verso quer dizer o mesmo que *melior natura* no verso 21 do I libro das *Metamorfoses* de Ovidio. Vejão-se alli os Commentadores.

Em confirmação do que diz Marcilio (a quem nós aqui seguimos) a respeito de se tomar nestes Versos a *Divina* ou *sagrada Natureza*, pelo Supremo Arbitro do Universo, que he Deos, não deixaremos de sugerir ao Leitor, álem da definição Pythagórica daquelle primeiro Ente, que já ficou apontada na Prefação do presente Opusculo, a que á Natureza dá Seneca (de Benefic. L. IV. c. 7.) por estas palavras: *Quid enim aliud est natura, quam Deus, & divina ratio*

A quem a sagrada Natureza, infundindo-lhas, manifesta cada uma das coisas respectivas ao proprio conhecimento.

Das quaes se de algum modo te achas participante, chegarás a conseguir o pretendido fim das maximas que te prescrevo, 65

Depois de teres curado a indisposição das paixões, e livrarás a tua alma de todos os trabalhos, e molestias.

Mas

toti mundo, & partibus ejus inserta? Vem a dizer (como traduz o Autor d' Alma Instruida Tom. II. pag. 104.) Que outra coisa he a natureza, senão Deos, e aquella razão, ou mente Divina, assistindo a todo o mundo, e a todas as partes delle?

Das quaes: Convém a saber, daquellas coisas, que a natureza Divina, ou Deos, infunde nas almas dos homens. Isto he, se de todo não quizeres nem crometer a vista, nem applicar os ouvidos aos bens, que te estão presentes. Marcilio.

De todos os trabalhos: Do contagio do corpo, como bem explica Hiérocles. O mesmo.

N. B. D'aqui por diante começa outra especie de Filosofia sobre o modo de adquirir a pureza d'alma, segundo a divisão de Hiérocles, a qual he já a terceira com as duas, que principião nos Versos nono, e quadragesimo quinto.

Mas abstém-te: Para que obedeça o corpo mais facilmente ao imperio da razão, diz que se devem abster os homens de certo genero de mantimentos. Marcilio.

- Α'λλ' εἰργου βρωτῶν, ὃν εἴπομεν ἐν τε
καθαρμοῖς,
- Εὐ τε λύσει ψυχῆς κρίνων· καὶ φρά-
ζευ ἔκαστα,

H' vio-

Dos manjares: Para intelligencia deste lugar he ne-
cessario advertir que, sendo a alma, conforme a dou-
trina Pythagórica , uma substancia espiritual , intelli-
gente , immortal , e , para que assim o diga , insepa-
ravelmente engastada num a que chamavão *carro sub-
til* , ou *corpo luminoso* , o qual segundo Jâmblico , e
Prôclo , era immaterial , indivisivel , impassivel , e um
como extracto , ou quinta essencia dos globos Celestes ,
e que , vindo animar o corpo terrestre (o qual não
era glorificado , porque se corrumpia com a morte)
com ajustada união se emmoldava em a fórmā do tal
corpo , bem assim como toma o metal fundido a mes-
ma feição do molde , em que he vasado ; tendo a al-
ma este corpo luminoso , que em comparação do ter-
restre , a quem elle communicava a vida , era espiri-
to , e comparado com a alma , era corpo , ainda que
o concebião ser de uma substancia espiritual e materia
subtilissima ; estando assim a alma , como dizia , iden-
tificada em certo modo com o corpo luminoso numa
só essencia , mandava Pythagoras purgar aquella com
a práctica da virtude , e conhecimento da verdade ; e
adquirir a pureza deste com a abstinencia de certos ali-
mentos , que incitavão o corpo a rebellar se contra o
espirito , como diz Marcilio , e tambem Hiérocles , o
qual adverte , que , além do litteral , que não deixava
de ser verdadeiro , tinha esta mesma abstinencia outro
sentido mystico e symbólico ainda mais amplo e ex-
tenso , ambos os quaes sentidos convinha não despre-
zar , em razão de ser justo nos preceitos symbolicos
obedecer tanto ao sentido litteral , como ao mystico

Mas abstem-te dos manjares, que nós temos prohibido tanto nas purificações,

Como no livramento d' alma, discernindo entre uns e outros; e pondera bem cada um destes preceitos,

H

Con-

e occulto, ja que pela práctica do sentido litteral se chegava á do mystico e recondito, que era a mais importante. Veja-se Laercio, Suidas, Aulo Gellio (L. IV. c. 11.) com Stanley no cap. de *Dialecticis Tom. II.* da Edição de Veneza pag. 388.

Que nós temos prohibido: O Auctor, depois de ter dito: *Abstem-te dos manjares*, como se alguém lhe perguntára: *De que manjares?* dá logo em resposta: *Dos que temos prohibido.* E porque ainda lhe poderião fazer outra pergunta: *Em que lugares fallárão os Pythagóricos destes alimentos, e em que Tratados tem elles ordenado esta abstinencia?* imediatamente satisfaz, dizendo: *Tanto nas purificações, como no livramento d' alma.* Veja-se Hiérocles.

Nas purificações: Dizia Pythagoras, como escreve Laercio (na Vida do mesmo Filosofo) que a pureza do corpo se adquiria por meio de expiações, ablucões, e aspersões, ect. Veja-se o que já sobre esta materia dissemos nas Anotações ao Manual de Epictéto a pag. 115, e 116.

No livramento d' alma: Ou meditação de morte. Ainda que Hiérocles entende a Sabedoria, a qual he chamada por Pythagoras e Platão Dialectica. Marcellio.

Discernindo: Ou se leia *νείρω* no participio do presente, que he a lição de muitos, que nós seguimos; ou *ξείρω* no imperativo do Aoristo primeiro, que he a qué trazem a maior parte das Edições, como as de

*Hνίοχον γνώμην σῆσας καθύπερθεν
ἀρίστην.*

6. *Hν δ' ἀπολείψας σῶμα εἰς αἰθέρο
ἔλευθερον ἔλθης,*

E'σ-

Veneza, tudo vem a dar, conforme já advertio Marcilio, no mesmo sentido.

Constituindo a razão: Desta maneira comparou também Platão (no Fedro da edição Bipontina Vol. X. pag. 319 e 320) o entendimento, ou a razão, com o cocheiro, que governa uma carroça; e as perturbações, ou paixões com os cavallos, que por ella tirão. *Marcilio.*

Da parte superior: Porque, segundo a doutrina de Pythagoras, a parte vital d'alma estava no coração, e a racional, ou intelligente (que he a que se diz neste Verso ter as rédeas á carreira da vida, ou á carroça do corpo) na cabeça. Logo da parte superior he que governava. Póde ver-se a referida doutrina de Pythagoras em Plutarco L. IV. c. 5. sobre as Opiniões dos Filósofos.

E se depois: Isto he, acabada a transmigração de corpo em corpo; ou depois do λόγω livramento d'alma do corpo. *Marcilio.*

A' para Região: Ao ar livre, ou puro, a que se oppõe o ar, que está proximo á terra, no qual se formão as nuvens, as chuvas, e os ventos; ar, a que Cicero (*Tuscul. Quæst. L. I. c. 18*) chamou *craſſo, e condensado*, e diz que ha de ser rasgado e fendido pelas almas, quando sahitem do domicilio do corpo. Toca-se pois neste lugar um dogma de Pythagoras, de que Plutarco (sobre as Opiniões dos Filósofos L. IV. c. 7.) fez menção por estas palavras: Πυθαγόρας, Πλάτων ἀφδαστεν εἶσαι τὸν Φυγήν. οἴκιοῦσας γας εἰς τὸ τοῦ παιών

Constituindo a razão mais adequada por cocheiro , para ter da parte superior as rédeas á carreira da tua vida.

E se depois de te veres já despojado do corpo , chegares á pura Região do ethéreo assento , 70

H ii Se-

Ψυχὴν ἀνακωμένην πέδες τὸ δρογερές. Pythagoras , Platão disserão que a alma era incorruptivel (ou immortal) porque sahindo do corpo (quando este morria) tornava para a alma do Universo , para esta substancia homogénea (isto he , para o ar seu cognado , e assim) O mesmo.

Aqui he necessario advertir o que diz Hiérocles , e he , que tendo a alma um corpo da natureza , que dissemos já noutra Annotação , convinha ir para um lugar proprio do mesmo corpo , que vem a ser o lugar que está immediatamente abaixo da Lua , ficando assim a alma , que era inseparavel do tal corpo , superior aos corpos terrestres , e inferior aos Celestes: lugar , a que os Pythagóricos chamavão *Ether puro: ether* , como immaterial e eterno ; *puro* , como livre das paixões terrenas. E alli erão os Campos Elysios , por outro nome , o Paraíso , a Glória , ou Bemaventurança dos Pythagóricos.

Serás um Deus: Não por natureza , mas por similitudança , gloriosamente cingido com a coroa da Immortalidade.

Immortal : Não passando já mais vezes de corpo em corpo , e livre do poder da morte , gozaras da vida dos Deuses na Região ethérea , ou nos Elysios .
Marcilio.

Incorruplicivel: Imitou este lugar de Pythagoras Empédocles seu discípulo , dizendo :

Ε'σσεαι αὐθάνατος Θεὸς, ἀμέροτος,
οὐκέ ἔτι Θνητός.

Χαίρετε ἐγώ δὲ ὑμῖν Θεὸς ἀμέροτος, οὐκέ ἔτι Θνητός
Πωλεῦμαι —— escreve Laercio na Vida do mesmo
Filósofo. Eu ando entre vós como um Deus immortal,

Τέλος τῶν Πυθαγόρεων.



Serás um Deos immortal, incorruptível, e nunca mais sujeito dahi por diante á jurisdição da morte.

sem estar daqui por diante sujeito á jurisdição da morte. Ficai-vos em boa hora. Com o qual preságio dou aqui já fim, o Leitor, ás minhas Anotações. O mesmo.

Fim dos Versos de Ouro de Pythagoras.



Se-

descripción, la que más tarde se ha
dado de los más antiguos de la
ciudad, es la que sigue:

Algunas de las principales y más
antiguas casas de la ciudad son las
siguientes:

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del ayuntamiento, que es la
segunda más antigua.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

La casa del obispado, que es la más
antigua de la ciudad.

Seguem-se duas brevissimas Composições intituladas : *Lettra de Pythagoras*, e : *Homem de Bem*; as quaes se achão attribuidas a Virgilio nas Edições deste Poeta com os Commentarios de Servio, Donato, e varias Annotações de outros. Porém assentão os Críticos fer a primeira lucubração de algum antigo Poeta Escolástico, e a segunda de Ausonio, que por isso anda inserta com os seus Idyllios. Vamos já ver o Texto, e a Versão de ambos estes Opúsculos.

VETERIS SCHOLASTICI POETAE
VER S U S
DE LITTERA PYTHAGORAE
VIRGILIO ADSCRIPTI (a).

Y (b)

Littera Pythagorae discrimine se-
cta bicorni,
Humanae vitae speciem praeferre vide-
tur.
Nam via Virtutis dextrum petit ardua
callem,
Difficilemque aditum primum spectanti-
bus offert:
5 Sed requiem praebet fessis in vertice
summo.

Mol-

(a) Com este titulo se acha o presente Opusculo a pag. 562 do Tomo V, e ultimo em 8 da Traducçao Castelhana das Obras de Virgilio impressa em Valenca no anno de 1777. Alli se encontra igualmente defronte do Texto Latino a Versão de Gregorio Fernandes de Velasco. A respeito da que nós oferecemos aqui ao Leitor em Redondilhas maiores, feita por João Franco Barreto, como já dissemos na

VERSONS

DE UM ANTIGO POETA ESCOLASTICO
SOBRE A LETTRA DE PYTHAGORAS
ATTRIBUIDOS A VIRGILIO.

Y

DE Pythagoras parece
A letra em ramos partida,
Que os dois caminhos da vida
Aos olhos nos offerece,
A via da mão direita
He a da virtude, e tem
A entrada difficil, bem
Apertada, e muito estreita.
Mas no cume seu mais alto,
Que parece inaccessible,
Acha descanço aprasivel
O que vai de forças faltó,

A

Prefação deste Opusculo, basta para a fazer aceita, e
recommendavel, o nome de seu Autor, que a traz
a pag. 88 da *Orthografia da lingua Portugueza impressa*
no anno de 1671 em 4.

(b) Chama-se esta letra de Pythagoras, não por-
que elle fosse o seu inventor, mas porque significava

*Molle ostentat iter via lata; sed ultima
meta*

*Praecipitat captos, volvitque per ardua
saxa.*

*Quisquis enim duros casus Virtutis
amore*

*Vicerit; ille sibi laudemque decusque
parabit.*

10 *At qui desidiam, luxumque sequetur
inertem;*

*Dum fugit oppositos incauta mente la-
bores,*

*Turpis inopsque simul miserabile trans-
iget aevum.*

com esta letra que só dois caminhos tinha o homem no mundo que trilhar, denotando com o rasgo da mão direita, que he estreito, o caminho da virtude árduo e apertado; e com o da esquerda, que he largo, o caminho dos vicios e da perdição. Tambem no pé desta letra, que he estreito, se representa a mo-

A U -

A via larga nos mostra
 Caminho suave e brando,
 Porém ao cabo chegando
 Nos precipita, e nos prostra.

Quem pois por amor sómente
 Da virtude não temer
 Trabalhos, poderá ser
 Louvado, e honrado entre a gente ;
Mas aquelle, que seguir
 A preguiça, e o inerte
 Regálo, sem que o desperte
 Louvores de outros ouvir,
Em quanto faz nesciamente
 Porque os trabalhos esquive,
 Sempre törpe e triste vive,
 E acaba mais tristemente.

cidade, em cujo tempo os homens estão incertos do caminho que seguirão, se o da parte esquerda, que conduz aos vícios, se o da direita, que guia á virtude; a qual letra acaba em um grande espaço, simbolo da Bemaventurança. Veja-se o mesmo Barreto no lugar, que já apontámos.

AUSONII BURDIGALENSIS
IDYLLIUM
QUOD
VIR BONUS
INSCRIBI SOLET.

Πυθαγορικὴ ἀνέραστη.

VIR bonus & sapiens, qualem
vix repperit unum
Millibus e multis hominum consultus
Apollo;
Juden ipse sui totum se explorat ad
unguem.
Quid proceres, vanique ferat quid opi-
nio vulgi
5 Securus; mundi instar babens, teros
atque rotundus:

Ex-

Burdigalense; Com optima orthografia se pôde
tambem escrever Bardegalensis, a respeito da qual ve-
ja se Dausquio.

Conselhado: Veja-se o Jogo dos sette Sabios do mes-
mo Ausonio em Thales primeiro Sabio da Grecia. O



IDYLLIO
 D E
AUSONIO BURDIGALENSE
 O QUAL SE COSTUMA INTITULAR.
HOMEM DE BEM.

He uma Instrucção Pythagórica.



OVarão bom e sabio (qual o Oráculo de Apollo , tendo sido consultado , apenas entre muitos milhares de homens achou um) he aquelle que , sendo Juiz de si mesmo , examina com escrupulosa severidade todas as suas acções. Não se embarçando com o que fazem os Grandes do mundo , nem com o que asfoalha a vã opinião do povo , continuamente se ostenta similhante a uma esférica , roliço , e redondo , para que

mencionado Oraculo tambem declarou depois a Socrates pelo mais sabio de todos os homens.

Esféra : Mais litteralmente diríamos , *tendo a similitudança do mundo :* a respeito de cuja figura pode ver-se

Externae nequid labis per levia sidat.

*Ille , dies quam longus erit sub sidere
Cancri ,*

*Quantaque nos tropico se porrigit in
Capricorno ,*

*Cogitat , & justo trutinae se examine
pensat :*

10 *Nequid biet , nequid protuberet : angu-
lus aequis*

*Partibus ut coeat , nihil ut deliret
amussis :*

*Sit solidum quodcumque subest : nec ina-
nia subtus*

In-

Plutarco (sobre as Opiniões dos Filósofos L. II. c. 2.) e Pythagoras , como já dissemos na Prefação deste Opúsculo , chamando (alli mesmo cap. 1.) ao Universo , pela sua boa ordem , *ἀνομος* , donde vem a significar o adjetivo *ἀνομος* , coisa desordenada , o qual se toma em Lucrecio (L. IV. v. 1154.) por coisa enfeitada , ou vestida ao desdem. Sobre a formosura de uma esfera veja-se Cícero (de Natura Deorum L. II. c. 18.) e Bluteau (na palavra Esfera) que traduziu o dito lugar de Cícero.

Rolço : Imitou neste lugar Aufonio a Horacio , cujas palavras (L. II. Satir. 7. v. 86, e 87) são as seguintes :

. . . teres atque rotundus ,
Externi ne quid valeat per leve morari.

Quer dizer : Ostentando-se rolço e redondo , para que não pesse chegar a prendê-lo coisa alguma exterior , revallando pela superfície polida , que nesse encontra .

que não assente mancha alguma vinda de fóra no polido círculo e roda da sua vida. Por mais longo que for o dia debaixo do signo de **Cancro**, e por mais comprida que se estenda a noite, quando costuma andar o Sol dentro do trópico dê **Capricornio**, sempre elle reflete sobre si mesmo, e se pésa, estando ouro e fio o fiel da sua balança; para que o edificio da propria vida não gréte; para que não faça barriga; para que toda a esquina ou cunhal, que tem, fique posto em esquadría; para que o nível não deixe de estar nelle ao justo; para que todo o alicerce, em que estriba, seja sólido e firme; nem toque algum dado pelo impulso dos nós

Ora tudo quanto Ausonio diz, e vai dizendo já por metáforas, já por allegoria, se reduz a persuadir que deve o homem de bem guardar um teor de vida, uma uniformidade de costumes, uma consonância e igualdade de acções em todo o tempo, em todo o estado, sempre a mesma: o que na verdade he difficultoso; porque, segundo adverte o P. Vieira (Tom. XV. e de *Vozes saudosas* Tom. II. pag. 334.) Ainda as vidas dos que tratavão de sua salvação, bem se sabe os altibaiços, que padecêrão, e as tempestades, em que se virão. Mas tudo pôde a Graça, cooperando o homem.

*Indicet admotus digitis pellentibus
ictus.*

*Non prius in dulcem declinat lumina
sommum,*

15 *Omnia quam longi reputaverit acta diei.*

*Qua praetergressus? quid gestum in
tempore? quid non?*

*Cur isti factio decus absuit, aut ratio
illi?*

*Quid mihi praeteritum? cur haec sen-
tentia sedet,*

*Quam melius mutare fuit? miseratus
egentem*

Cur

Devemos aqui notar que o termo *Alibaixos* na si-
gnificação translata não quer dizer simplesmente *de-
feitos*, ou *vicios*; mas o estado de quem ora se acha
sublimado no auge da virtude, ora cahido no abysmo
da iniquidade. E esta he a força da mesma palavra.
Confira-se Vieira no lugar apontado.

Dos nós dos dedos: Assim como quando alguém
quer saber se um vaso de barro está sāo, ou fendido,
costuma tocá-lo ordinariamente com os nós dos dedos,
porque logo pelo som mostra o estado, em que se
acha; do mesmo modo, alludindo Ausonio a este cos-
tume, vem a dizer que o alicerce, em que o homem
de bem funda o edifício da sua virtude, não ha de
verdadeiramente soar, pelo seu procedimento, a óco
e vazio, isto he, não ha de ser fantástico, nem ap-
parente: mas sim de todo ponto sólido e maciço. A
este respeito confira-se Persio na *Satira V. v. 25.*

nós dos dedos o faça tinnir e retumbar
debaixo a ôco e vazío. Fundado neste
recto procedimento não dá entrada em
seus olhos ao doce fono , senão depois
de ter com a memoria repassado tudo
quanto fez no discurso do dia. Em que
materia transgredi ? Que obrei eu a
tempo conveniente ? Que deixei de
obrar? Porque faltou a esta acção o de-
côro , ou aquella a razão ? Que omis-
sões fôrão as minhas ? Porque motivo
me quadrou este ou aquelle parecer,
de que melhor fôra mudar? Tendo-me
condoído da necessidade do proximo,
porque senti ainda em meu apoucado

I ani-

Em que materia : A melhor lição deste Verso de Ausonio, como entende Marcilio (no seu Commen-
tario sobre as palavras Πῦ ναρις : do Verso 42.)
he a que nós seguimos no Texto *qua*, e não *quae*,
ou *quo*. Veja-se o como Wolfio na sua Traducçao La-
tina de Arriano (L. III. c. 10.) fez corresponder es-
te, e outros versos do presente Opusculo aos de Ouro
de Pythagoras, donde os traduzio Ausonio; o que
não praticou Jacob Schegkio na sua tambem Latina
do mesmo Arriano.

Apoucado animo: Falla segundo a mente dos Estoicos, os quaes reputavão por vicios todos os movimentos e affeçōes d'alma. E esta mesina compaixão exclue Seneca do animo do Sabio, quando (no livro

20 Cur aliquem fracta persensi mente dolorem?

Quid volui, quod nolle bonum fore? utile honesto

Cur malus antetuli? num dicto, aut denique vultu

Perstrictus quisquam? cur me natura magis, quam

Disciplina trahit? Sic dicta & facta per omnia

25 *Ingrediens, ortoque a vespere cuncta revolvens,*

Of-

II. de Clementia c. 5.) escreve as seguintes palavras: Ergo quemadmodum religio Deos colit, supersticio violat: ita clementiam mansuetudinemque omnes boni praefabunt, misericordiam autem vitabunt. Est enim viuum pusilli animi ad speciem alienorum malorum succidentis: itaque pessimo cuique familiarissima est. Quer dizer: Logo assim como a Religião venera os Deuses, a superstição os injuria; assim do mesmo modo todos os homens de bem usará com os outros de clemencia e mansidão, porém evitara a misericordia. Qor quanto he esta um vicio de animo apançado, o qual desmaia com a apparencia dos males alheios: e assim he mui familiar a todos os homens pessimos. Veja-se o verso 499 do II. livro das Georgicas de Virgilio, e alli os Commentadores.

Com o semblante: E se isto he ao proximo, que será ao pai, e á mãe, aos quaes nunca se ha de mostrar carranca porque já he faltar á honra e veneração devida. Bem sabida he a sentença dos Sabios,

animo um affecto de condolencia excessiva? Que desejei eu , que bom fôra não desejar ? Porque levado da minha maldade preferi o util ao honesto? Por ventura foi alguem por mim aggravado de palavra , ou em fim com o semblante? Porque me arrasta e pôde mais comigo a natureza que a doutrina? Continuando assim a discorrer por todas as palavras e obras ; e revolvendo juntas no pensamento quantas fez desde pela manhã até noite , depois de ter detes-

ta-

qua Cicero (na *Oraçao em defesa de Sexto Roscio Amerino* § 37.) refere pelos termos seguintes ; *Vultu saepe laeditur pietas.* Vem a dizer : *Só com o ar do semblante se offende muitas vezes o respeito , a piedade , o amor paternal.* D'aqui se vê o engano do Autor d' *Alma Instruida* , o qual (no Tomo III. pag. 262.) atribue esta sentença a Santo Ambrosio , quando este Santo Padre , se a escreveo , foi porque a lêo em Cicero.

Por todas : A letra *a* de *omnia* se elide pelo *i* de *ingredients* principio do verso seguinte. Veja-se Nicolão Erythrêo sobre os Versos de Virgilio no cap. III. onde mostra : *Dacylum in fine Hexametri numquam collocari.* E igualmente alli trata de *Hypermetro* , & *Hypercatalectic verso.*

E revolvendo : A cerca deste lugar veja-se outra intelligencia , que já lhe demos , na explicação do Verso quadragesimo de Pythagoras ,

As boas : Ou , como á letra diz o Texto , ás re-

Offensus pravis, dat palmam & præmia rectis.

cas. E verdadeiramente o homem de bem , para ser recto , deve dirigir seus passos pelo caminho direito da Lei de Deos , e seguir , nas coisas a que ella chega , o farol da recta razão ; porque , a governar-se pelas depravadas leis do proprio appetite , já se vê que não serão rectas as suas acções ; porque todas as coisas que não seguem uma regra e norma direita , infallivelmente hão de sahir tortas. Eis-aqui a este respeito uma judiciosa comparação , que faz Lucrecio (L. IV. v. 516 e segg.) fallando dos sentidos por estas palavras :

*Denique ut in Fabrica si prava' si regula prima,
Normaque si fallax rectis regionibus exit,
Et libella aligna si ex parti claudicat hilum;
Omnia mendose fieri, atque obliqua necessum' fit,
Prava, cubantia, prona, supina, atque absonta testa;
Jam ruere ut quaedam videantur velle, ruantque.
Prorita judiciis fallacibus omnia primis.
Sic igitur ratio tibi rerum prava necesse' fit,
Falsaque sit, falsis quaecumque ab sensibus orta' fit.*

En Portuguez querem dizer : Finalmente assim como na construcçao de um edificio , quando a planta delle he irregular , e se o esquadro , por ser törto , foge da justa situacão que deve ter , e se o nivel não está d alguma parte ao justo , ainda que só desninta a grossura de um cabello , he força que toda a Obra saia defeituosa , e que entortada cabecée , que os tectos , ou telhados fiquem desproporcionados , acaçapados (ou acachapados) com pendor , empinados , e desfairosos ; de tal maneira que pareça querem certas partes do mesmo edificio arruinar-se , e com efficio se arruinem , tendo sido todas fabricadas segundo aquellas primeiras regras , que bem se manifestão serem falsas e enganosas : do mesmo modo tambem he força que

tado as más , dá só ás boas a palma,
e sobre parabens alvíçaras.

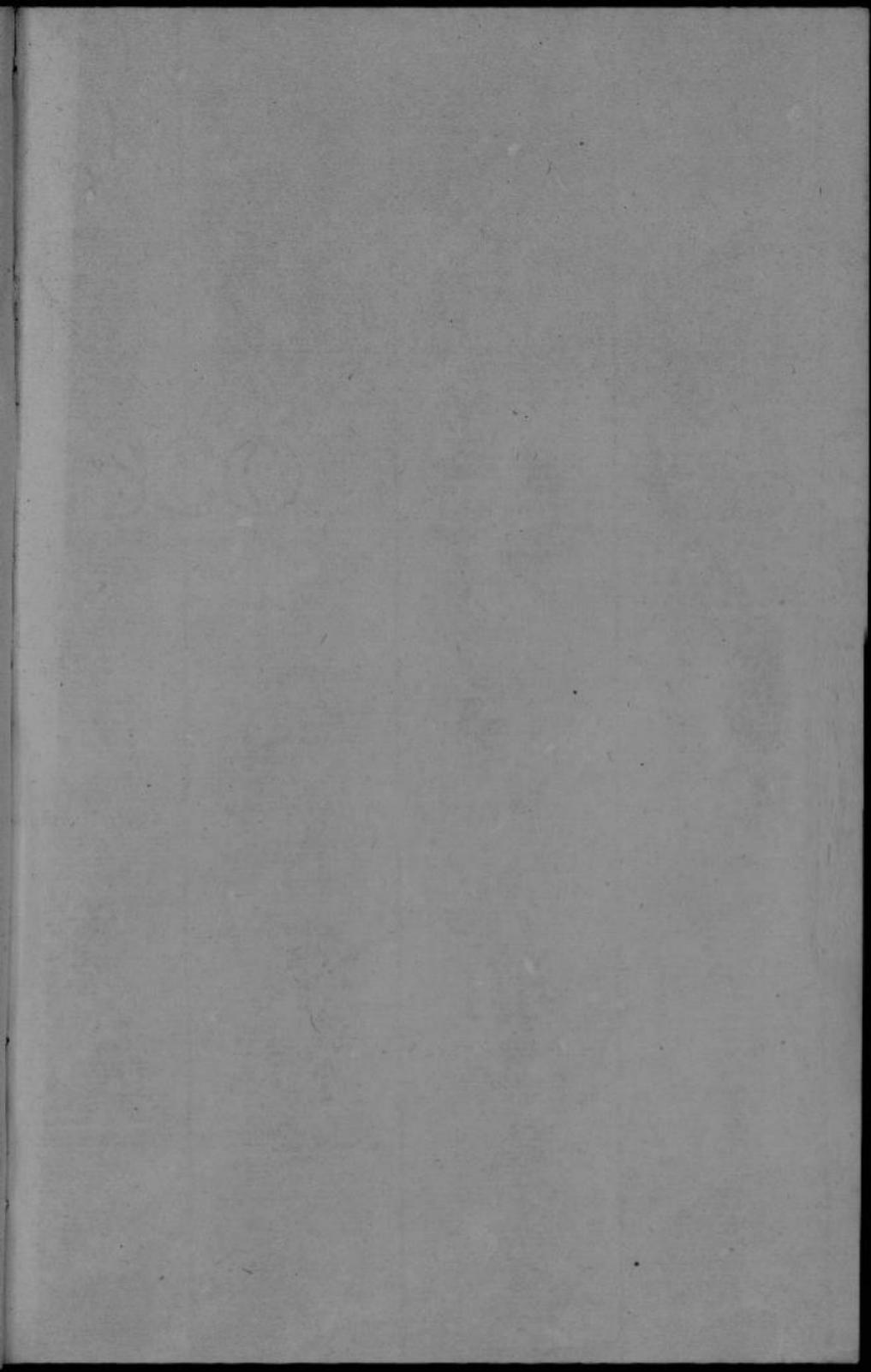
seja falsa e depravada a razão , ou o conhecimento das coisas , que entra pelos sentidos , se nos enganão.

E tal he , como aqui vemos , o carácter do homem de bem , examinar sempre a consciencia para se emendar dos vicios , e crescer na virtude.

F I M.

*Non nobis , Domine , non nobis ;
Sed NOMINI tuo da gloriam.*

Psalm. CXIII. v. 9.



ONCE
IN A LIFETIME

BY ROBERT KELLER